



Uma «onça» ameaça o destino de Clarimundo

Lênia Márcia Mongelli
(Universidade de São Paulo)

Abstract

Muito jovem, mas já como «moço da guarda-roupa» do príncipe D. João, filho de D. Manuel I, João de Barros (1496-1570) escreveu a *Crônica do Imperador Clarimundo* (1522). Contrariando sua expectativa de, com ela, apenas «treinar a pena para obras de maior fôlego», a narrativa ganhou várias reedições. Texto bem estruturado, acompanha a formação de Clarimundo, nas armas e no amor, do nascimento à realeza e perda do filho D. Sancho. Suas «aventuras», recheadas de imagens e símbolos, vão além do panorama histórico quinhentista em que se ancoram. Em uma delas, de largas implicações, Clarimundo enfrenta uma «onça», animal cuja dificuldade de identificação começa pela etimologia do vocábulo. É o que este artigo pretende examinar.

Palavras-chave: livro de cavalaria; Quinhentismo português; heroísmo; simbologia; feitiçaria

Very young, but already a “gentleman of the bedchamber” to Prince João, King Manuel’s son, João de Barros (1496-1570) wrote the Chronicle of Emperor Clarimundo (1522). Contrary to his expectations that with it he would simply “train his pen for works of broader scope”, the narrative was reprinted several times. A well-structured text, it follows Clarimundo’s development in arms and in love, from birth to royalty and loss of his son D. Sancho. His “adventures”, filled with images and symbols, go beyond the 16th-century historical panorama in which they are anchored. In one of them, with far-reaching implications, Clarimundo confronts a jaguar (“onça”), an animal whose difficulty in identification begins with the etymology of the word. This is what this paper aims to examine.

Keywords: book of chivalry; Portuguese 16th-century; heroism; symbology; witchcraft.



«Pergunta, pois, aos animais e eles te ensinarão» (Jó 12, 7-9)

Uma narrativa bem arquitetada

Quando João de Barros (1496-1570) compôs a sua *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem* (1522)¹, na juventude dos vinte e tantos anos, apenas para «provar o estilo, como fazem os bons soldados, que antes da batalha se exercitam em pelejas e escaramuças fingidas, para depois se acharem adestrados nas verdadeiras»², quem sabe já com os olhos postos em uma História de Portugal de maior fôlego, talvez não pudesse então prever o sucesso da obra. Acolhida de imediato por D. Manuel I (1495-1521) e pelo Príncipe D. João, futuro D. João III (1521-1557), a *Crónica* foi beneficiária, além do amparo Real, de pelo menos quatro circunstâncias favoráveis: a) foi escrita no fervor do Expansionismo

¹ Quanto à edição de base utilizada para este artigo, esclareço: toda e qualquer citação ou referência à narrativa em exame foi cotejada com a edição de 1522 que se encontra online na Biblioteca Nacional de Espanha, conforme consta da Bibliografia final. Para a mesma finalidade, servi-me também da cópia impressa desta referida edição, gentilmente cedida pela colega Dra. Nanci Romero, por ela transcrita e inédita.

Segundo esclarecimento: sabe-se hoje das numerosas deficiências da edição mais difundida da *Crónica do Imperador Clarimundo*, a de Marques Braga, de 1953, baseada, por sua vez, na de 1742. Contudo, ainda é a edição amplamente acessível, depois de meus malogrados esforços para obter a edição mais recente de que tenho notícias: *Primeiro romance de cavalarias e primeira novela sentimental*. - 1ª ed. - [S.l.]: Círculo de Leitores, 2018. - 757, [9] p. ; 25 cm. - (Obras pioneiras da cultura portuguesa / dir. José Eduardo Franco, Carlos Fiolhais; 10). - *Crónica do imperador Clarimundo* / João de Barros; coord. Ricardo Ventura. *Menina e moça* / Bernardino Ribeiro; coord. Isabel Morujão. - ISBN 978-972-42-5158-5. (As duas edições da *Crónica* previstas para 2025, a do brasileiro Flávio Antônio Fernandes Reis e outra de Aurelio Vargas Díaz-Toledo e Pedro Álvarez-Cifuentes, encontram-se no prelo).

Portanto, mantenho – sem qualquer prejuízo para o teor deste artigo - as citações extraídas da edição de 1953, cotejadas com a edição de 1522; para contornar as conhecidas discrepâncias de capítulos e paginação, indico sempre, entre parênteses e em rodapé, páginas e fôlios de uma e de outra, à disposição do leitor. Para maiores informações sobre João de Barros e as edições do *Clarimundo*, sugiro consultar a seguinte base de dados, sob responsabilidade de Aurelio Vargas Díaz-Toledo: <https://parna-seo.uv.es/UniversoDeAlmourol/>.

² Conforme diz Manuel Severim de Faria (1584-1665) em «Vida de João de Barros» (estudo que antecede a *Crónica...*, 1953, I, 17). O próprio João de Barros, no Prólogo à *Década Primeira da Ásia* (1628), trata o *Clarimundo* como «pintura metafórica de exércitos e vitórias humanas» (classificação bem estudada por Reis, 2013, 220-237).

ultramarino quinhentista português, por alguém que já começava a conhecer por dentro os meandros da Corte manuelina, onde vivia; b) portanto, não era difícil adaptar àquela realidade o modismo dos livros de cavalarias, em ascensão desde os séculos XI-XII sob inspiração da «matéria de Bretanha» e às voltas com vários padrões de heroísmo antigos; c) a presença, no texto, do sábio Fanimor e sua famosa profecia em versos – 42 estrofes em oitava rima – sobre os sucessos passados e futuros dos reis de Portugal, inserção «realista» no âmbito da ficção; d) a excelente formação clássica de João de Barros, base de seu «claro engenho», iniciada já quando entrou, ainda menino («à idade do jogo de pião»), no serviço de D. Manuel, que o deu para «moço da guarda-roupa» do Príncipe D. João. Essa conjunção de fatores propiciou e alimentou sua prolífica produção literária: além das obras de cunho moral e do pioneirismo nos estudos sobre a gramática da Língua Portuguesa, teve publicados ainda em vida os três primeiros volumes das *Décadas da Ásia*, sobre os feitos dos portugueses na Índia (1552, 1553, 1563, respectivamente; o quarto volume, inacabado e concluído por outras mãos, só veio à luz em Madrid, em 1615). Em meio à grandeza desses projetos – inclusive porque o último previa desdobramentos das atividades portuguesas na *Europa, África e Santa Cruz* -, é no mínimo curioso o interesse despertado pelas aventuras cavaleirosas de Clarimundo, como atestam as referidas edições da obra: à primeira, de 1522, seguiram-se 1555, 1601, 1742, 1791, 1843 e a última, de 1953, que tomou por base a de 1742.

Haverá duas outras razões para a narrativa ter caído no gosto popular e erudito de então, em que pese à generalizada rejeição a «histórias fingidas»³ como esta: de um lado, ela compõe, junto ao *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (1567), de Jorge Ferreira de Vasconcelos, e ao *Palmeirim de Inglaterra* (c. 1544), de Francisco de Moraes, os três títulos mais difundidos dentre os que ficaram conhecidos por «livros portugueses de cavalarias» do século XVI, com as quais se teria dado a «nacionalização» do gênero em Portugal, de certa forma competindo com a notoriedade do ciclo do *Amadis de Gaula* (1508, data que se sabe não ter sido a da primeira edição: Eisenberg, Marín Pina, 2000, 130; Vargas Díaz-Toledo, 2012). De

³ Cfr. «Introdução» a *Palmeirim de Inglaterra* (2016).

outro lado, o enredo é estruturalmente muito bem articulado, numa progressão que prepara Clarimundo, com rigor pedagógico, para assumir suas funções régias: a descrição delas ficou reservada ao Livro III, enquanto no Livro I se tratou de seu exaustivo treinamento bélico e, no Livro II, dos desconcertos de Amor, testando a resistência corporal e espiritual do futuro monarca. Educação completa, cujo formato foi há muito estudado por Joseph Campbell (1995)⁴.

Para executar esse refinado programa didático, João de Barros recorreu ao figurino das muitas narrativas épicas, em que se marcava por episódios miraculosos o nascimento de um protagonista de tal estirpe, e o seu crescimento, no anonimato, cercava-se de incógnitas desencadeantes de perturbadoras expectativas – as «aventuras». Clarimundo desponta e desenvolve-se em um mundo recheado de símbolos. Filho primogênito ansiosamente esperado por Adriano, rei da Hungria, e Briaina, filha do Rei Cláudio de França, chegou em meio a «sinais maravilhosos de sua vinda» (Barros, *Crónica*, 1953, vol. I, 66)⁵: 1) no dia anterior, quando o rei-pai vai à caça (Le Goff & Schmitt, 2002, I, 139), levando consigo muitos falcões de plumagens diversas, entre os quais um «nebri» de nome Bronai, aquele grupo de aves assusta uma garça real, «de formosura maravilhosa», que sai voando alvoroçada, perseguida pelos falcões, mas é defendida por Bronai, que desvia para si o ataque. Em seguida, e surpreendentemente, garça e falcão lutam entre si, até que, exaustos, tombam mortos na água, de repente a ferver; 2) retornando ainda surpreso ao castelo, el-Rei é avisado: Arnicalaz, «capitão do Turco», invadiu o porto e destruiu quase todos os navios ali ancorados, não fosse a interferência providencial do conde Drongel. E a Natureza preparava outro susto: em noite negra e tempestuosa, com águas que escorreram como em segundo dilúvio, «turcos» sobreviventes abrigaram-se em uma mesquita no alto de um monte, mas foram destruídos por fogo de repentino e impetuoso corisco; 3) após essa fúria, «começou a luz d'alva mui graciosa e rosada a esclarecer as terras», como se participasse do parto de Clarimundo (daí o nome analógico no batismo),

⁴ Para a ficção da cavalaria, é emblemático o enigma traçado por Chrétien de Troyes para o seu *Perceval* (1961). Quanto aos livros de cavalaria ibéricos, o paradigma amadísiano foi levado em conta por João de Barros - cf. «Introdução» a *Espejo de príncipes y caballeros - segunda parte* (2003).

⁵ João de Barros (1522, Livro primeiro, ij, fo. iiij).

cuja «formosura era mais divina que humana». Prova dessa parceria com o «divino» é um «sinal de chaga que sobre o coração na parte direita trazia, tão vermelho que parecia verter claro sangue, e quanto lhe mais remédios punham, tanto se mais assanhava». Desistiram de a curar, vendo que «era mistério e obra de Deus». Assim termina o emblemático capítulo II do Livro I (Barros, 1953, 70)⁶.

Os três episódios (solenemente explicados por Fanimor no capítulo 20 do Livro III – Barros, 1953, 238)⁷ resumem questões fundamentais da vida do recém-nascido, como é de praxe ante presságios e profecias: 1) a luta do falcão e da garça simboliza não só as divergências e acertos que afastarão e unirão Clarimundo e Clarinda, filha do imperador de Constantinopla (casados apenas no Livro III – Barros, 1953, capítulo 16, 210)⁸, mas também de seus esforços em defesa da cristandade em geral. Para a composição da cena, João de Barros poderá ter-se inspirado no *Physiologos*: ali se descreve o voo de «pombas» ordenadamente organizadas em grupo, única forma de se defenderem do «falcão veloz», que não hesitará em se aproximar de qualquer delas que se desgarre das companheiras para voar sozinha. Há que driblar, inclusive, a esperteza e o poderio dessa espécie de ave de rapina, capaz de executar voos altíssimos, chegando «até perto do sol»⁹. Também a escolha da «garça» não é casual: pássaro «justo», distingue-se pela fidelidade ao ninho, ao próprio leito, e pela alimentação saudável, preferindo o que pode recolher das águas¹⁰. Portanto, a dupla «garça/falcão» representa galhardamente os futuros soberanos dos portugueses. 2) Conforme a comparação feita pelo próprio João de Barros, o corisco que desce dos céus ecoa o dilúvio genesiaco. Insatisfeito com a corrupção generalizada na terra, Deus disse a Noé: «Eis chegado o fim de toda a criatura

⁶ João de Barros (1522, fo. v).

⁷ João de Barros (1522, cvij, fo. clxv).

⁸ João de Barros (1522, ciij, fo. clix).

⁹ *Physiologos. Le bestiaire des bestiaires* (2005, 208-210). Convém lembrar que, supostamente redigido no século II d.C., o modelo greco-latino perdeu, com acréscimos e adaptações, até o século XIII.

¹⁰ Segundo Arnaud Zucker, em seu comentário ao verbete *Physiologos...* (2005, 252), essa imagem da garça aproxima-a da cegonha, inclusive no quesito do «voo alto», conforme o texto bíblico: as aves constroem os seus ninhos nos cedros do Líbano, «e nos ciprestes a cegonha tem sua casa» (Sal 104, 17). Isidoro de Sevilha (*Etim.* XII, 7, 21) atribui o nome latino da garça, *ardea*, ao fato de voar muito alto (*árdua* significa «alta»). A mesma lição está no *Livro das Aves* (1999, 147). De acordo com a editora, a obra é cópia do Livro I do tratado *De bestiis et aliis rebus*, do séc. XIII.

diante de mim, pois eles encheram a terra de violência. Vou exterminá-los juntamente com a terra.» (Gn 6, 12-13). Quando a tempestade celeste destrói a mesquita do «Infiel», mostrando a abonação divina por meio da Natureza, anuncia-se a estrondosa vitória final de Clarimundo e de seus numerosos aliados sobre o «Turco», sucesso descrito no capítulo 17 do Livro III (Barros, 1953, 213)¹¹, a modo de coroamento da «realeza congênita» do recém-nascido. Historiador que supostamente já se anunciava ali, na juventude, leitor atento da tradição, João de Barros alinha-se ao «providencialismo» típico da historiografia do Humanismo renascentista em Portugal, que retoma com convicção o espírito lendário do conhecido «milagre de Ourique»¹². No *Panegírico* à infanta D. Maria, por ocasião da morte do pai dela D. Manuel I, Barros lembra, emocionado, o canto de vitória em nome do Rei após conquistar a Índia e a Etiópia, sempre em defesa da Fé: «Deus é conosco». 3) A chaga do lado direito do coração, a mais trabalhada das sugestivas marcas distintivas em Clarimundo, refere os percalços que Amor colocará em seu caminho. A ferida miraculosa, que sangra apenas quando alguma ameaça afeta a lembrança de Clarinda, cicatriza imediatamente após o casamento (Barros 1953, capítulos 22, 164 e 23, 176 do Livro II)¹³, consumando a posse da amada. Trata-se do «casamento secreto», de tão larga presença nos livros de cavalarias (Conde, 1948)¹⁴, selando uma espécie de acordo só conhecido dos amantes, que «mutuamente se concedem tudo a título gratuito, sem serem impelidos por obrigação alguma», nas conhecidas palavras da Condessa Maria de Champagne (*De Amore*, [1985]; 2000, 137). Conquista árdua, fez-se lentamente por etapas: da efígie de Clarinda ou *távoa* de que Clarimundo não se apartava – contato imagético e puramente visual -, à *justa* alegórica com os mantenedores da Casa Perfeita, onde se confirma a sublimidade da Dama escolhida (Barros,

¹¹ João de Barros (1522, ciiij, fo. clxj).

¹² Como se sabe, a 25 de julho de 1139, o próprio Jesus Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques (1139-1185) na batalha de Ourique, prenunciando-lhe a derrota dos muçulmanos em número muito maior de combatentes. Saraiva (1993, 69-71); Figueiredo (1950, 244-245); Paixão (1996, Tese de Doutoramento).

¹³ João de Barros (1522, lvj, fo. lxxxvi e lvij, fo. lxxxviii).

¹⁴ Para evitar citações longas, enviamos o leitor à cena em questão: Barros (1953, vol. II, capítulo 32, 282-283; 1522, lxvj, fo. cviiij).

1953, capítulos 25, 257 e 32, 314 do Livro I, respectivamente)¹⁵, e ao enlace carnal.

Os três poderosos acontecimentos descritos alicerçam o parto inco- mum e equilibram a narrativa. Contudo, pela óptica solene de João de Bar- ros, não pareceram suficientes para atestar a grandeza do futuro Impera- dor da «brava gente». Faltava – mote deste artigo - o sonho da rainha Briaina, mãe de Clarimundo, contendo implicações densas e com efeitos mais devastadores sobre o protagonista. Diz o narrador:

[...] jazendo a rainha Briaina em seu leito, no maior repouso de seu descansado sono, sonhava que vinha a ela uma loba com um filho atravessado na boca, e com muitos afagos, assim como se a conhecera, soltava-lho no regaço, e dêz hi tomava o príncipe, que ela nos braços tinha, e partia com ele na boca, sem ter ninguém que lho pudesse tomar.

E estando mui triste e descontente com esta perda, vinha um homem de dois corpos mui grande e temeroso, e lançava-lho nos braços, banhado em sangue das muitas chagas, com que vinha tão demudado que o não podia conhecer, té que uma daquelas chagas lhe dizia que conhecesse seu filho, que aquele era o seu amado Clarimundo, e que desse graças a Deus, porque lho mandava pera seu descanso, e também que o guardasse melhor do que o fizera em sua meninice, porque ainda uma onça lho havia de roubar, da qual ele maior dano receberia. Por isso, que tivesse mui bom aviso em o desviar dos lugares onde ela andasse, e que se o assim não fizesse, sua vida seria duvidosa.

(Barros, 1953, vol. I, 91-92)¹⁶

Esta linguagem cifrada, metafórica, que coloca em cena uma loba e uma onça, assim se traduz, denotativamente, ao longo da trama: 1) quanto à loba: logo que o Príncipe nasceu, o Rei seu pai deu-o a criar à condessa Urbina e ao conde Drongel, pois ela amamentava o próprio filho Filinem, pouco mais velho. Para poder dedicar-se exclusivamente ao bebê Real, Urbina, mãe amorosa, pediu a Fainama (uma das filhas de Biscarnão, «fronteiro-mor do gram turco», hospedada em sua casa) que, tendo per- dido o filho que esperava, se ocupasse de Filinem, por quem a jovem já nutria amor incondicional. Por azar, em uma noite, Fainama, dormindo,

¹⁵ João de Barros (1522, xxvj, fo. xxxv e xxxiiij, fo. xlix).

¹⁶ João de Barros (1522, vij, fo. viij). A memória deste sonho é reativada logo adiante: João de Barros (1953, capítulo 25, 239; 1522, xxvj, fo. xxxv).

sufoca a criança com o peso de seu corpo e ela morre. Em lágrimas, desesperada e com muito medo, decide trocar os bebês: veste Filinem com as roupas do Príncipe e em seu lugar no berço coloca o pequeno morto. A partir daí, a tragédia ganha amplas proporções até o desfecho: Drongel e Urbina fogem apavorados, sem saber o que dizer ao Rei; por seu lado, também Fainama desaparece com o príncipe nos braços, mas, parando em uma fonte para tomar água, assusta-se com um barulho e esquece o bebê na borda do tanque. Encontra-o Grionesa, senhora aristocrática, e decide criá-lo; coloca-lhe o nome de Belifonte (= o belo da fonte) e assim nasce o primeiro epíteto do anônimo Clarimundo. Uma boa parte deste episódio culmina no suicídio de Fainama (Barros, 1953, Livro I, capítulo 9, 103)¹⁷, incapaz de conviver com a enormidade de seu crime; 2) quanto à onça: a decifração deste enigma exige um bocado de esforço do leitor, não só porque os atores dele não são diretamente relacionados àquele animal, como também pela não linearidade da narração. A explicação retroativa de antecedentes e o desfecho dão-se no capítulo 13 do Livro III (Barros, 1953, 186)¹⁸; os fatos em si, nos capítulos 37 (Barros, 1953, vol. III, 1) e 38 (Barros, 1953, Livro II-vol. III, 10)¹⁹. Em mais uma aventura de «provação», ainda como o inexperiente Belifonte, Clarimundo vence duas monstruosas bestas-feras²⁰, os irmãos gigantes Pantafasul (este com dois corpos, Panta e Fasul) e Learco, colocando a salvo, sem saber quem era, a rainha Briaina, sua mãe (Barros, 1953, Livro I, capítulo 20, 197)²¹. O núcleo deste longo episódio é Farpinda, cujo verdadeiro nome é Loáiba, irmã daqueles dois monstros: filha de uma «mágica», que mandou construir na Ilha das Fúrias

¹⁷ João de Barros (1522, 1522, ix, fo. x).

¹⁸ João de Barros (1522, c., fo. cxlvj).

¹⁹ João de Barros (1522, lxxj, fo. cxiii e lxxij, fo. cxv).

²⁰ «A valorização do herói, nestas histórias [de cavalaria], passa obrigatoriamente pela sua luta com elementos monstruosos. Sabiam-no Barros, Morais, Vasconcelos, Fernandes e Lobato, e quiseram frisá-lo, incluindo nos textos passos que marcam explicitamente o relevo desse antagonismo e a leitura que dele se há-de fazer...»: Almeida (1998, 330, Tese de Doutorado). Também Oliva (2003, 38): «La idea del monstruo corre pareja con la de la maravilla, con la de milagro, con la de portentoso. El mundo es una maravilla y el monstruo, la maravilla de las maravillas». E ainda Mittman, Kim (II, 2009). Le Goff lembra que, na sua *Psicomagia*, Prudêncio coloca os vícios e as virtudes a lutar entre si: «A obra e o assunto tiveram singular voga na Idade Média: as virtudes eram os cavaleiros e os vícios eram os monstros». (1984, II, 107).

²¹ João de Barros (1522, xxj, fo. xxviii).

um castelo com o fim de aprisionar quem por ali passasse por «tomar vingança» pela morte de seus filhos, Farpinda cumpre os desejos da mãe, mas apaixonou-se perdidamente por Clarimundo, cavaleiro desconhecido que a rejeita. Inconformada e para tê-lo sob seu feroso domínio, dá-lhe de beber o «filtro do esquecimento»; porém, inesperadamente o rapaz se perde pelo mundo, agora como o «Cavaleiro Descuidado» (= sem memória), alvo da chacota geral e alheio inclusive à amada Clarinda, que, cega de ciúmes e despeito, por muitas e muitas páginas não lhe perdoa a longa ausência sem notícias. Enquanto isto, Farcatão, gigante sobrevivente ao morticínio da família, decide visitar a irmã Farpinda, que lhe conta a desventura de seu amor, apresentando-lhe as armas esquecidas do cavaleiro desmemoriado. Farcatão reconhece-as como de Clarimundo, o matador dos gigantes; Farpinda, em lágrimas, toma então da espada abandonada e, com «desesperado coração», cheia de remorsos fratricidas, coloca a ponta da arma nele, escorregando «tanto pra fora da janela, que caiu no meio da soteia feita em mil partes».

Os dois episódios (Fainama e Farpinda), que revitalizam evidentes resíduos de leituras²², guardam estruturalmente algumas semelhanças entre si: constam de um mesmo sonho; são protagonizados por duas mulheres, ambas metaforizadas por animais, a primeira por uma loba, a segunda, por uma onça; as duas pertencem a famílias de gigantes, aquela, «dona honrada», esta, descendente de feiticeira; as duas suicidam-se, a primeira, de remorsos pela troca dos bebês, a segunda, também de remorsos pela vingança frustrada, com o acréscimo da paixão não correspondida. Contudo, para além dos pontos comuns, são duas situações bem distintas: Fainama,

²² A situação a que Fainama conduz o recém-nascido traz a lume uma das vertentes – talvez a mais conhecida – da lenda da fundação de Roma, com a história dos gêmeos Rômulo e Remo sendo amamentados por uma loba, após seu resgate do cesto em que foram postos à deriva no rio Tibre (versão do mito entroncada na história do Moisés bíblico: Ex 2, 1-3; Brandão 1993, 261-264). Quanto às desventuras de Farpinda, sustentam-nas, no mínimo, dois robustos exemplos da tradição literária medieval: de um lado, o «filtro mágico» que rouba a memória de Clarimundo relembra a bela lenda de Tristão e Isolda, dos mais grandiosos símbolos universais do Amor que transcende a morte, Rougemont (2003, 23-75); de outro lado, na *Demanda do Santo Graal*, a castidade de Galaaz, o «sergente de Jesus Cristo», também é posta à prova, quando a filha do Rei Brutos, desnorteada pelo desejo, invade os aposentos do jovem e oferece-lhe seu corpo virgem, matando-se na sequência da obstinada recusa do «eleito» ao Santo Graal. Mongelli (1995, 69-91).

boa moça apesar de sua origem «pagã», resgata-se parcialmente pelo involuntário da morte que provocou e pelo afeto que dedicava à criança; Farpinda é a pura encarnação do Mal – pela vingança, pelo suicídio, pelo desvario de amor. Daí o alerta do narrador neste caso: que Briaina «guardasse melhor o seu filho do que o fizera na sua meninice», porque da onça ele receberia «dano maior».

Uma questão implícita: por que, dentre tantas amas e servidores fieis, a rainha Briaina foi a escolhida como mediadora deste aterrorizante sonho premonitório?²³? O fato de ela ser mãe, portanto um segmento potencialmente insuspeito de mulher, e rainha (*História das Mulheres*, II e III, 1990) são dois *status* à altura de driblar a desconfiança que historicamente comprometeu a aceitação dos sonhos, principalmente os proféticos²⁴. São famosas duas passagens literárias que dividem os sonhos entre «falsos» e «verdadeiros»: no canto XIX da *Odisseia*, quando Penélope pede explicação a Ulisses, disfarçado de Estrangeiro, acerca do estranho sonho que teve, a resposta é por ela contestada, dizendo que «não é fácil interpretar sonhos», pois nem tudo «que anunciam chega a realizar-se»: «Duas são as portas dos inconsistentes sonhos: uma feita de corno, outra de marfim. Quando os sonhos vêm pela porta de marfim serrado, são palavras enganadoras, em que não podemos acreditar; mas quando vêm pela porta de corno polido, geram, em quem os vê, a certeza» (Homero, 1960, 270); no Livro VI da *Eneida*, Vergílio (70-19 a.C.), na mesma linha do que dissera Homero (c. séc. IX, VIII a.C.), descreve a descida de Eneias aos infernos, acompanhado do pai Anquises e da Sibila, alertando o jovem: «Há duas portas do sono: uma, diz-se, é de chifre, pela qual as sombras verdadeiras encontram saída fácil; a outra, brilhante, feita de marfim refulgente de brancura, mas pela qual os Manes enviam para o céu os sonhos falsos» (Vergílio, 1981, 130-131). Essa formulação das duas portas abertas pelos sonhos - verdadeiros ou mentirosos - permanece pelos tempos afora: no século XII,

²³ Dentre as várias classificações possíveis da evolutiva tipologia dos sonhos desde a Antiguidade greco-romana, talvez pudéssemos incluir o sonho de Briaina entre os «premonitórios enigmáticos» Le Goff (1994, 283-334; especificamente, 290-291). Patch (1956, especialmente 4, «La literatura de visiones»).

²⁴ «... les saints, bien sûr, de même que les rois, les moines et les clercs, avaient plus de chance de bénéficier de rêves véridiques, d'origine divine, que les simples hommes, les illetrés, les laïcs, les *rustici* et, à plus forte raison, les femmes». Schmitt (2001, 241-315, especificamente 299).

«considerado uma época de reconquista do sonho pela cultura e pela mentalidade medievais» (Le Goff, 1980, 281-288, especificamente 287), John of Salisbury retoma-a quase sem retoques, embora seja mais enfático e preciso quanto a uma espécie de fisiologia dos sonhos, já de matiz científico, atento às nossas «potências animais» (= sentidos corporais), que descansam enquanto a mente (= espírito) arriscadamente trabalha, à revelia de nossa vontade, só passível de controle por Deus e pela manutenção de uma fé firme (1984, capítulos 13-17).

O respaldo é bíblico, ou o canônico João de Barros talvez desprezasse o artifício²⁵ ao fazer porta-voz dele a virtuosa Briaina. Os sonhos, colocando o homem em comunicação com o Além, com o sobrenatural, podem trazer-lhe tanto o Bem quanto o Mal, quer ao adormecido se manifestem os anjos ou os demônios, os santos ou os traidores, os bons ou os maus governantes, os heróis ou os covardes, e mesmo o próprio Deus ou o Diabo em pessoa. No Antigo Testamento, Javé é severo e proíbe a adivinhação onírica (Lev 19, 26), previne o povo de Israel contra os falsos profetas (Dt 13, 1-6), condena o ímpio Manassés pela mesma prática acrescida de necromancia e bruxaria (II Cron 33,6), atormenta Jó com visões aterradoras que burlam o descanso do sono (Jó 7, 13-14) e, num longo pronunciamento, discorre sobre a « vaidade dos sonhos » (Ecl 34, 1-8), discurso também comum em boca do profeta Jeremias (Jer 23, 25-32). Porém, como John of Salisbury faz questão de ressaltar, ao profeta Daniel, por exemplo, foi concedido o dom de interpretar sonhos porque ele fala pela boca de Deus: na sua resposta ao pedido de Nabucodonosor, lembra que «... nem os sábios, nem os mágicos, nem os feiticeiros, nem os astrólogos são capazes de revelar-lhos. Mas no céu existe um Deus que desvenda os mistérios» e que quis atender ao rei; ao ser chamado para ouvir um segundo sonho, Daniel diz, contundente: «Sete tempos passarão sobre ti, até que reconheças o domínio do Altíssimo sobre a realeza humana, o qual a confere a quem lhe apraz» (Dan 2, 27-28). Embora em menor proporção, no Novo Testamento a voz divina faz-se igualmente ouvir, exortando o apóstolo Paulo em suas pregações para ouvidos incrédulos: «Numa noite, o Senhor disse a Paulo em visão: “Não temas! Fala e não te

²⁵ A forte presença do cristianismo no Portugal medieval e renascentista foi largamente estudada por Oliveira Marques (1974, 151-172).

cales. Porque eu estou contigo. Ninguém se aproximará de ti para te fazer mal, pois tenho um numeroso povo nesta cidade”» (At 18, 9)²⁶. Santo Agostinho, atento «à continuidade entre certas tradições da época helenística e certas tradições cristãs», ao «caráter privilegiado dos sonhos dos mártires»²⁷, à «popularidade das visões entre os hereges» (Le Goff, 1994, 313; Schmitt, 1997, 15-26; Bologne, 1998), não hesita em ver nas profecias da Sibila Eritreia (ou Cuméia) uma prefiguração da vinda de Jesus Cristo, quando «os homens deixarão os ídolos e as riquezas» e, «já libertos da carne, os corpos dos santos gozarão da luz e os pecadores serão abrasados por eterna chama» (Santo Agostinho, 1990, XVIII, cap. 23, 336-337).

Segundo esta óptica dialógica entre o sonhador e a coisa sonhada, o sonho da rainha Briaina atinge diretamente o seu «bom aviso», para que proteja o filho e o desvie «dos lugares onde ela [a onça] andasse», ou a vida dele «seria duvidosa». Desse ângulo, o enredo da *Crónica*, coeso e circular, gênese e epílogo bem amarrados, deriva naturalmente para a profecia de Fanimor: graças à tutela explícita de Nosso Senhor, tem-se também aqui a dimensão onírica, assentada nas tradições pagã e bíblica das «visões» vaticinando grandezas de toda ordem, para além da imaginação. Dentre outros exemplos, assinalem-se dois: a) o sonho clássico de Cipião: mais famoso pelo comentário filosófico de Macróbio (c. 370, autor do *Commentarii in Somnium Scipionis*) do que pelo próprio escrito deixado por Cícero no fragmentário *De Re Publica* (51 a.C.), conta como Cipião Africano aparece a seu neto adotivo, Cipião Aemiliano, para revelar-lhe seu futuro destino, o de seu país, o do próprio Universo e, nele, o lugar da Terra e do homem, além de expor-lhe as recompensas que aguardam o homem virtuoso em outra vida (Cícero, 2021); b) o sonho bíblico de Jacó: no alto da escada que vai da terra aos céus, cheia de anjos em trânsito, diz o Deus de Abraão: «... darei a ti e à tua descendência a terra em que estás deitado. Tua posteridade será tão numerosa como os grãos de poeira no solo; tu te estenderás para o ocidente e para o oriente, para o norte e para o meio-dia, e todas as famílias da terra serão benditas em ti e em tua posteridade» (Gen 28, 10-

²⁶ Le Goff pontua que «o apostolado de Paulo se situou num meio grego, habituado à oniromância e no qual os beneficiários de visões noturnas em que aparecesse a divindade (ou um seu mensageiro) adquiriam, por esse mesmo fato, maior prestígio». (1994, 284).

²⁷ Citem-se os tantos listados em Varazze (2003).

15). Em tom paralelo ao dessa verbosidade de relevo panorâmico, «o gram sábio Fanimor, senhor das Pousadas do Sol», subindo «ao eirado da mais alta torre, donde se via grande parte do mar e terra» e mirando as estrelas que «pareciam assim como no oitavo céu estão pintadas», completamente «arreatado de um espírito divino» que o acendeu «em furor», entregava-se «a meneios», girando «ora contra o Oriente, ora o Ocidente», «fazendo para todas as partes o sinal da cruz» – indícios gestuais do «fervor daquele espírito profético» invocando humildemente a «Imensa e Sacra verdade»: «Ó trina em pessoas, e só divindade / Infunde em mim graça para dizer / As obras tão grandes que hão-de fazer / Os reis portugueses com sua bondade.» (Barros, 1953, III, capítulo 4, 90-92²⁸).

Ai de Clarimundo, sobre quem pesa tamanha responsabilidade e cuja trajetória bem sucedida lamentavelmente esbarra em uma feiticeira²⁹, Farpinda! Por mais que não seja assim diabólica como sua mãe, ela entra em cena marcada pela misoginia tradicional, que desde a Queda edênica (Duby, 2001), atravessa a Antiguidade (Baroja, 1978) e a Idade Média (Klapisch-Zuber, 1990, II) para explodir nos tribunais do Santo Ofício, principalmente os contrarreformistas ibéricos³⁰. No estudo dedicado por Jean Delumeau à Mulher como uma das mais eficientes «agentes de Satã» – máxima que ganhou imensa força justamente ao tempo de João de Barros e nos anos subsequentes -, ela é o «chamariz de que se serve o Diabo para atrair o outro sexo ao inferno», risco condenado pela Igreja e, «durante séculos, um dos temas inesgotáveis dos sermões» (1989, 320). Se a essa aptidão maléfica se soma o recurso aos «mediadores de olvido», aos «criadores de evasão», conforme Le Goff referiu os «afrodisíacos e excitantes», as «beberagens que causam alucinações» utilizados por bruxas e feiticeiras (1984, II, 107), então está selada a sorte daquele que lhes cair nas garras.

²⁸ João de Barros (1522, lxxxij, fo. cxxix-cxxx).

²⁹ «A diferença entre feiticeiras e bruxas era muito tênue e relacionava-se com o meio de obtenção de seus poderes. A bruxa tinha dons inatos, pelo que, ao nascer, carregava em si todos os poderes e conhecimentos necessários à sua atividade, enquanto as feiticeiras os adquiriam ao longo da vida, fossem transmitidos por outras feiticeiras / bruxas ou pelo Diabo». Dias (1998, V, 678).

³⁰ «... a Inquisição espanhola (criada em 1478), tal como a Inquisição portuguesa (estabelecida em 1536), tem um estatuto particular que se traduz por uma quase completa independência de ação em relação à cúria romana; os tribunais hispânicos que operam na América ou na Ásia transportam com eles estruturas, maneiras de fazer e representações comuns, mas adaptam-se a diferentes contextos». Bethencourt (2000, 10; 2004).

Não só a luxúria que move Farpinda é pecado de condenação certa³¹; também o suicídio que a vítima certamente a devolve às profundezas infernais de onde proveio. Di-lo com a severidade costumeira o mesmo Santo Agostinho: «Não existe autoridade alguma que, seja qual for o caso, conceda ao cristão o direito de matar-se voluntariamente»³². As razões do interdito estão nas Escrituras: «Fugi da fornicção. (...) Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que habita em vós, o qual recebestes de Deus, e que, por isto, já não vos pertence?» (I Cor 6, 18-20).

É no *Malleus Maleficarum* (1484), com sua listagem inquisitorial das sedutoras artimanhas de Belzebu, que se estampam os fundamentos da preocupação de Barros, ao inserir no sonho de Briaina um simulacro do «vigiai» bíblico³³: «... pelo fato de o primeiro pecado que tornou o homem escravo do demônio ter sido o ato carnal, logo é maior o poder conferido por Deus ao diabo com relação a esse ato...». Mais adiante, completa-se com um argumento inquestionavelmente danoso ao futuro de Clarimundo: «... pela bruxaria se desperta o ódio nas pessoas unidas pelo sacramento do matrimônio e se esfriam as forças generativas, a deixar os homens impossibilitados de consumir o ato para a geração da prole»³⁴. Como essa «prole», na *Crónica*, dará origem à dinastia dos grandes reis portugueses que desvendarão o mistério dos mares «descobertos e por descobrir», a intervenção de Satã vai além do protagonista e, no extremo, visa a intimidar a própria empresa marítima nacional, o Império em construção.

No plano simbólico, lobo e onça reforçam os conluios diabólicos, embora os dois animais se equivalham apenas no quesito da ferocidade³⁵

³¹ Santo Agostinho dá as razões do «temor da carne *contra natura*», ao discorrer sobre a libido – aquela que «excita as partes sexuais do corpo»: «... é tão forte, que não apenas domina o corpo inteiro (...), mas também põe em jogo o homem todo, produzindo (...) a voluptuosidade, que é o maior dos prazeres corporais. Tanto assim que, no momento preciso em que a voluptuosidade chega ao ápice, se ofusca por completo quase a razão e surge a treva do pensamento». (1990, XIII, 16, 156).

³² Por isso convém lembrar que Farpinda, herdeira de gigantes e de feiticeira, está à margem da cristandade. Barros (1953, vol. I, capítulo 20, 197. Edição de 1522: xxj, fo. xxviii).

³³ Mat 26, 41: «Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca».

³⁴ Kramer & Sprenger (1991, 122-123). Farpinda foi bem sucedida neste intento, uma vez que Clarimundo fica desmemoriado e «esquece» a amada Clarinda.

³⁵ Atestada por Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), que em vários momentos compara o lobo aos cães; lembrando ainda que Latona, ao vir dos Hiperbóreos para Delos, fugindo com medo de Hera, disfarçou-

(com precedência para a onça), quer nos tratados zoológicos antigos, quer nos bestiários e enciclopédias medievais. No *Physiologos* greco-latino, todo perpassado da apologética e do didatismo cristão, diz-se que o lobo tem duas naturezas (*Physiologos*, 294-297): na primeira, destaca-se uma atuação ambígua, tortuosa, disfarçada, conforme a advertência de «nosso Senhor Jesus Cristo nos *Evangelhos*» - «Ide; eis que vos envio como cordeiros entre lobos» (Luc 10,3: Mat 10, 16)³⁶; na segunda, quando encontra algum homem, o lobo finge mancar da pata, onde não há qualquer ferimento, apenas para dar vazão à sua voracidade e intenção de rapina³⁷. Do mesmo ângulo Esopo (século VI a.C.) entendeu o lobo, pois em quase todas as fábulas que lhe dedicou via de regra a fera ludibria seu adversário, antes de submetê-lo ou de esperar devorá-lo³⁸. Talvez aí se possa inscrever a polaridade do poder milagroso de Francisco de Assis (1182-1226), que, com o sinal da cruz, tornou amigo e subserviente o famigerado «lobo de Gúbio», cuja terrível índole sanguinária obrigava os moradores locais a ficarem confinados em casa ou a sair armados até os dentes (*I Fioretti di San Francesco* – 21- 2004, 960-969)³⁹. Outra lenda, bastante curiosa, corre acerca dos riscos oferecidos pela proximidade do lobo: «ao tufo de pelos na extremidade de sua cauda eram atribuídos poderes afrodisíacos, porém somente

se de «loba»: Aristóteles (2014, 11 e 282, respectivamente). No belíssimo texto que escreveu em defesa dos animais e da matança deles pelos homens para alimento próprio, Pitágoras cita o lobo entre as bestas «cruéis e ferozes por natureza», ao lado do leão, do urso e dos tigres da Armênia: Ovídio (1983, 278). Acerca da referida ferocidade, o mesmo pensam Isidoro (II, XII, 23-24, 75) e, mais tarde, Hugo de São Vítor (1096-1141), que aproxima o lobo do «lince». “De Bestiis et Aliis Rebus” (*Libri Quator Patrologiae Latina*, 1993, t. CLXXVII, especificamente III, 3, 84).

³⁶ Em tempo: este foi o retrato moral escolhido por João de Barros para caracterizar a troca de bebês por Fainama.

³⁷ Na Introdução, Arnaud Zucker adverte sobre seu trabalho de tradutor: «Le texte que nous présentons est constitué de la version grecque et de la traduction de 64 chapitres du *Physiologos*. (...) Aux 49 chapitres de texte de la 1^{ère} collection (intégrale) nous avons ajouté, pour le compléter, 15 chapitres d’animaux provenant des 2^e et 3^e collections et portant sur des animaux absents du texte de base». O verbete em questão é da 3^a coleção, ao que Zucker atribui a «complementaridade» – e não distinção – entre as duas «naturezas» do lobo. *Physiologos...* (2005, 45).

³⁸ Tenha-se um instigante exemplo em «O lobo e a garça»: «Engasgado com um osso, um lobo andava à procura de alguém que o curasse. Ao deparar com uma garça, propôs a ela que lhe retirasse o osso, mediante um pagamento. Então a garça enfiou a cabeça na garganta dele, extraiu o osso e depois exigiu o pagamento combinado. E ele respondeu: “Mas você, minha cara, não satisfeita de ter retirado incólume sua cabeça da goela de um lobo, ainda exige pagamento?”» Esopo (2013, 331).

³⁹ Esta edição de *I Fioretti* é uma tradução livre e modificada de *Actus beati Francisci et sociorum eius*, escrito por Frei Hugolino de Montegiorgio, entre 1331 e 1337. E ainda, Le Goff (2001, 80).

para quem conseguisse tirá-lo de um lobo vivo; ora, quando encurralado, o próprio lobo é quem corta o tufo com uma mordida para não vê-lo cair nas mãos do caçador.» (Van Woensel, 2001, 209). Portanto, privilégio teve Clarimundo logo em sua primeira grande aventura: foi o «piedoso Senhor», e não o acaso, quem interveio ao trocar a «loba» Fainama pela benemérita Grionesa.

Conforme vimos, a onça atua em outro contexto diegético. Do seu comportamento geral de fera, Barros apresenta-nos duas descrições diversas mas complementares: em uma, simbólica, integrando o sonho de Briaina, explora-se a natureza lasciva da onça, com sua componente demoníaca; em outra, «real», denotativa, a onça é considerada na sua temível ferocidade, marca distintiva do gênero felídeo a que pertence. Por exemplo, a aventura em que D. Dinarte, irmão de Clarimundo, salva a donzela Crina da perseguição de uma onça assanhada: amante rejeitado, o nobre Policarpo, que saíra para caçar com o animal, resolve colocá-lo no encalço da moça⁴⁰, cujas vestes já estão em frangalhos quando é salva por D. Dinarte. Na batalha de vida ou morte que se trava, a besta é estraçalhada pela espada do cavaleiro (Barros, 1953, I, capítulo 27, 263-271)⁴¹.

Aqui chegados, cumpre-nos indagar: entre o signo verbal e o seu objeto, entre o referente e a coisa referida, que «onça» é essa, assim metaforicamente prestigiada? De que perspectiva a teria «visualizado» João de Barros, por volta de 1520?

Onça? Pantera? Leopardo? Tigre? Jaguar? Guepardo?

Nos dias de hoje, graças a avanços, dentre outros, das ciências naturais e biológicas a partir do século XVIII⁴², respostas às interrogações do

⁴⁰ Contrariando explicitamente severas orientações como as de D. João I para o exercício da caça («jogo que é uma laboriosa semelhança da guerra») entre reis e nobres: *Livro da Montaria* (1918, 449)

⁴¹ João de Barros (1522, xxxviii, fo. xxxix). Nesta edição de 1522, este é um dos casos de salto na sequência numérica dos capítulos da *Tauoada*.

⁴² Não é nossa intenção o exame vertical das complexas questões atinentes à moderna Biologia e às ciências a ela afins, fora de nossa competência; são aqui trazidas apenas para auxiliar no melhor entendimento do episódio em questão.

subtítulo acima podem ter mais precisão. Por «onça» (ou «jaguar»⁴³) designa-se o felino de classificação taxinômica *Panthera onca* – «cryptically colored to blend into a shadowy forest environment, skilled swimmers and tree climbers, most at home near streams, lakes and rivers» - cujos espécimes mais representativos ainda habitam áreas do Mato Grosso, no sudoeste brasileiro, e norte da Argentina (*Wild cats of the Worl...*, 1995, 94-95; *El jaguar en el nuevo milênio*, 2002). Mas literariamente a coisa não é tão simples assim, conforme veremos, levando-se em conta o volume de lendas que continuam a correr mundo afora acerca desse belo bicho; não deixa de ter razão Jules Camus, logo na Introdução de seu irretocável artigo de 1909:

Le gens de lettres, historiens, poètes, conteurs, etc., sont d'ordinaire peu familiarisés avec les noms de bêtes, de plantes e de minéraux; (...) mais c'est particulièrement au règne animal que se rapportent les erreurs les plus fréquentes et les plus singulières. Avec le temps, elles se sont tellement multipliées qu'il en est résulté une sorte de faune littéraire, tres bizarre, dans laquelle les animaux son déguisés en bêtes de tous genres, et affublés de noms plus ou moins corrompus, voire même incompréhensibles. (Camus, 1909, 1-40)⁴⁴.

Devemos ao botânico, zoólogo e médico sueco conhecido como Carlos Lineu (ou apenas Lineu, 1707-1778), considerado «o pai da taxonomia moderna», a bem sucedida tentativa científica de classificação sistematizada dos três reinos – as rochas, as plantas e os animais, cada um deles, por sua vez, subdividido em classes, ordens, gêneros, espécies e variedades, sistema ainda hoje usado na biologia. (*Systema Naturae*, 1759, t. I, 41-43). Sob a denominação de *Mammalia Ferae* – *Felis*, Lineu reúne os «felinos» *leo*, *tigris*, *pardus*, *onca*, *pardalis*, *catus*, *lynx*, já devidamente diferenciados dos *Mammalia Ferae* – *Canis*, grupo em que estão os *lupus*, *hyaena*, *vulpes*, todos com suas numerosas subespécies. Estava dado o passo que acabaria conduzindo às sofisticadas pesquisas modernas contemporâneas - principal-

⁴³ Cf. o verbete «jaguar» em Fracademic <<https://fracademic.com/dic.nsf/frwiki/1261727>>. E ainda: «jaguar: do tupi-guarani *ya'wara*, designação genérica dos animais do gênero *Félis*. Zool.: carnívoro fissípede, felídeo (*Panthera* – *jaguaris* – *onca*), de coloração amarelo-avermelhada, com manchas pretas arredondadas ou irregulares, porém simétricas, em todo o corpo, encontrado (salvo no Chile e nos Andes) em toda a América». Ferreira (1999).

⁴⁴ Agradeço à colega Maria Ana Ramos pelo acesso a este texto.

mente no âmbito da estrutura genética dos felinos, da genômica, da biologia molecular e dos fenótipos indicativos de sua bela pelagem (Eizirik *et al.*, 2010, 267-275) -, que, associadas a estudos sociológicos, climatológicos e geográficos do meio ambiente e da biodiversidade (relações dos animais entre si e deles com os homens, Pearson *et al.*, 2003), têm produzido resultados cada vez mais surpreendentes e detalhados. O indispensável exame de fósseis contribuiu para definir «eight principal lineages», dentre as quais a *Panthera lineage* é o grupo que nos interessa mais de perto, pois dele fazem parte: *lion, jaguar, leopard, tiger, snow leopard, clouded leopard*⁴⁵. Graças às migrações, o jaguar espalhou-se pelas Américas e o leopardo e o leão, por exemplo, pela África. Especificamente no Brasil, a onça é conhecida também como «onça-pintada», «onça-preta», «jaguar», «jaguaretê» ou «canguçu», sendo «the only panther in the Americas» (Andrade Franco *et al.*, 2018, 42-72). Por esta diversidade de designações é que os cientistas preferem usar o nome científico, padronizado internacionalmente, ao popular, com suas numerosas variações entre países e regiões, dependentes da cultura local⁴⁶.

Em que pese aos esforços de precisão dessas indispensáveis classificações modernas, resultantes de análises microscópicas de fragmentos levando em conta evoluções paleontológicas das espécies em milhões de anos, a indistinção devia ser um fato para aprendizes como o jovem João

⁴⁵ Observe-se: «Scientific names and branches are color coded [no artigo em questão] to depict recent and historic zoogeographical regions (Oriental, Palearctic, Ethiopian, Neotropical and Nearctic), as inferred from current distributions, fossil records, and our phylogenetic analyses». Quanto à idade dos ancestrais felinos: «The first felidlike carnivores appeared in the Oligocene, approximately 35 million years ago. Living cat species (subfamily Felinae) originated in the Miocene and evolved into one of the world's most successful carnivore families, inhabiting all the continents except Antarctica». Ainda a favor da minúcia da pesquisa genética: «... a large portion of felid evolutionary history is not represented in the fossil record». Eizirik *et al.* (2006, 73-77). (Devo ao biólogo brasileiro Dr. Eduardo Eizirik, Professor Catedrático da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o generoso envio deste esclarecedor artigo, bem como de outras informações em correspondência pessoal, matéria cujo aproveitamento, aqui, é de minha inteira responsabilidade).

⁴⁶ A propósito e curiosamente: o termo «jaguar», nome correto para «onça» e derivado de uma língua nativa indígena brasileira (cf. acima, nota 30), é como a fera ficou conhecida em vários países europeus e asiáticos; já «onça» – palavra predominantemente usada no Brasil – vem de uma complicada etimologia, conforme veremos a seguir, trazida pelos portugueses quando cá desembarcaram, tendo em mente animais muito semelhantes, de proveniência asiática, indiana e africana por eles então conhecidos. (O lembrete veio de uma conversa informal com o Dr. Eizirik, a quem mais uma vez agradeço).

de Barros, lidando com imagens e representações de «onças» quase trezentos anos antes. Por exemplo: observando apenas o visual externo, teríamos de perguntar por que o «leopardo» pertence à linhagem da «pantera» e não à do «leopard cat»; ou, na linhagem do «lynx», o porquê de nela incluir o lince «ibérico», o «eurasiano» e o «canadense»⁴⁷, animais de aparência tão diferente; ou, ainda, na linhagem do «ocelot», a presença dos «pampas cat», monitorados no espaço argentino e gaúcho ao lado de «jaguares». Embora os pintados mostrem pelagens específicas (Schneider *et al*, 2012, e503850; Eizirik *et al*, 2010, 4906-4921) de perspectiva genética, isso não é imediatamente apreensível ao olhar do observador leigo:

⁴⁷ Questões similares estão em Buquet (2011, 12-47): o autor aponta confusões entre o uso de «leopardo», «pantera», «lince» e «guepardo» ao longo da Idade Média Central e do Renascimento.

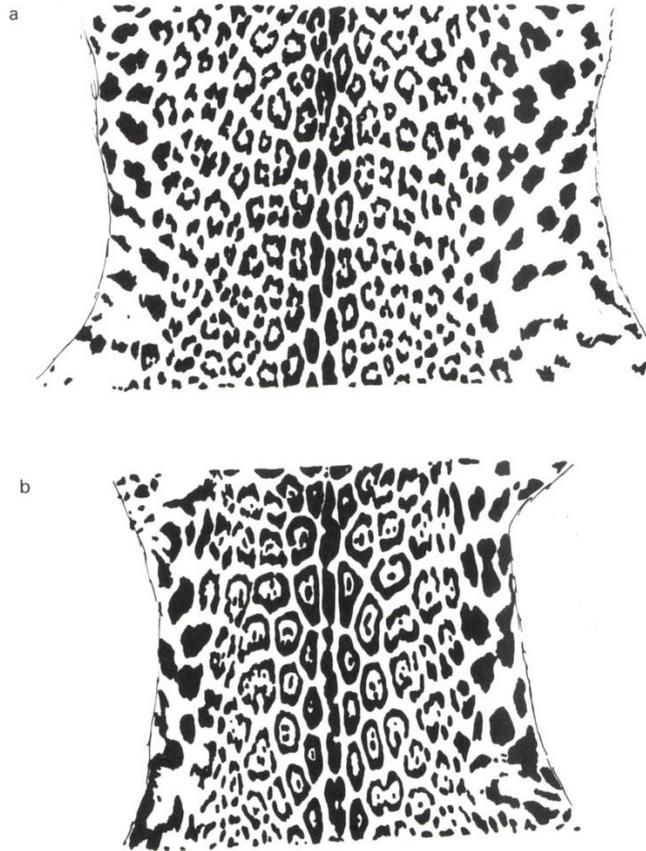


Fig. 1 – How to distinguish a leopard from a jaguar: both have rosettes, but jaguars (b) have extra spots inside their rosettes and leopards (a) do not⁴⁸.

⁴⁸ Kitchner, Andrew – *The Natural History of the Wild Cats*. A Comstock book published by Cornell University Press, 1991, 68 [All rights reserved].



Fig. 2 – Leopardo (*Panthera pardus*)



Fig. 3 – Jaguar (*Panthera onca*)⁴⁹

Retornemos, então, ao mundo da *Crônica do Imperador Clarimundo*. Em última instância, o mergulho vertical das ciências físicas na filogenia dos felinos não basta para explicar a configuração – textual e contextual – da onça no sonho da rainha Briaina. Da Antiguidade greco-romana ao bulício do Renascimento português, eram bem outras as lendas e informações que corriam acerca da animalia, a cujas sedutoras incógnitas se rendeu a fértil imaginação de João de Barros.

A etimologia do vocábulo é um bom começo para rastrear indiferenciações. O *Aurélio*, como é conhecido o dicionário brasileiro, oferece uma concisa síntese do que vai por outros numerosos dicionários: *Onça* – mesma origem incerta que o esp. *onza*, cat. *onça* e fr. *once*; poss. do lat. vulgar *luncea* (lat. cláss. *lynx*, *lynxis* < gr. *lynx*, *lynkós*) (Ferreira, 1999)⁵⁰; Antônio Geraldo da Cunha (1982) mantém este histórico, mas pontua que *once* é deduzido do fr. ant. *lonce* (com deglutição do artigo), que teria derivado do lat. pop. *lyncea* (class. *lynx-cis*); para José Pedro Machado, *onça* – do fr. *once*, nome de animal, é forma apocopada de *lonce*, cujo *l* foi julgado como artigo definido, isto é, pensou-se que se tratava de *l'once*, em vez de *lonce*. Esta palavra remonta a um latim *lyncea*, derivado de *lynx* (do grego), donde *lince*

⁴⁹ *Wild Cats of the World*. Photographs and drawings Art Wolfe; text Barbara Sleeper. New York: Crown Publishers, 1995, p. 94 [All rights reserved].

⁵⁰ Como a origem em *lynx* é praticamente unanimidade entre os lexicólogos, observe-se o acréscimo em um dicionário grego: «Le mot remonte à l'indo-européen et figure sous des formes variées em arménien, germanique, baltique et slave...». Chantraine (1968).

(Machado, 1956)⁵¹; enquanto o *Dizionario Etimológico Italiano* (Battisti, 1954) oferece o mesmo histórico do vocábulo, o *Diccionario de la Lengua Española* (Real Academia, s.a.) estende-se: *onça*: (do latim e do grego); «mamífero carnívoro, semelhante a la *pantera* (...), pelaje como el del *leopardo* y aspecto de *perro*. Vive en los desiertos de las regiones meridionales de Asia, es domesticable y en Persia se empleaba para la caza de gacelas»; no *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine* (Ernout & Meillet, 1985) temos: *lynx*, *icis* (fem. *lynx*), empréstimo poético do grego. Derivado popular *luncea*, passado através de algumas línguas românicas (por exemplo, italiano *lonza*, francês *once* de *lonce*); Charles du Cange (1982 [1885]) detém-se na etimologia do *lince*, atestando que Virgílio, Horácio, Plínio chamam-no *lynx*, *icis* e aponta *lince*s como referindo *lupi cervarii* (...*vulgo dicitur "lúpus cervarius" quod in luporum genere numeratur.*). Hoje, *lince* seria, então, o chamado «lobo cerval», que se distingue pela agudeza da visão – talvez remotamente inspirado no mito grego do argonauta Linceo, cujo olhar penetrante lhe permitia ver o que se fazia até no inferno; Bluteau (2002, [1720]), no seu verbete «onça», começa com um amplo mapeamento, muito semelhante ao de pesquisadores modernos: «Não concordão os naturaes na descripção desta fera, ou porque dão a diferentes especies de onças o mesmo nome, ou porque as onças tem suas diferenças, conforme as diferentes terras onde se crião». No caso do «Gentio do Brasil», o que este chama *jaguarete* «é uma especie de tygre, do tamanho de hum novilho de hum anno»; e o *jaguar*, outra espécie de onça, «é do tamanho de hum lobo, & às vezes mayor, tem cabeça, barbas, orelhas & pernas de gato, cinco unhas em cada mão, & quatro nos pés, dentes muyto agudos, & olhos scintilâtes. Tem a pelle cuberta de hum pelo curto, amarello & malhado de negro com galante disposição». Termina o seu longo arrazoado de forma bastante curiosa: «De todo o dito se colige que o nome latino de onça não he *panthera*, nem *pardus*, nem *tygris*, mas com periphraasis se pode dizer *tigridis species, que vulgo onça apellatur*»; na *Enciclopedia Dantesca* (1970-1975), «la *leonza* o *lonza* che si

⁵¹ Segundo este autor, a primeira ocorrência da palavra «onça» em Língua Portuguesa está em Duarte Barbosa (1511-1516 – escrivão da feitoria de Cananor), *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Int. e notas Augusto Reis Machado. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca Geral das Colónias, 1946, 18.

dice⁵² é “uno animale de quatro piedi, poco maggiori che la lepre” (Buti), quello “che i latini ‘lynx’ e noi lupo cerviero chiamiamo” (Daniello), “che è pantera” (Ottimo; Lombardi), “ovvero liopardo” (Anonimo)». Podemos encerrar este apanhado geral com mais um estudo irrepreensível, que, no trajeto etimológico do «lince» para a «onça», considera a presença mais que marcante da «pantera» e também do «leopardo»- fundamentais que foram nas referências da Antiguidade e do Medievo:

once est vraisemblablement issu de *lonce* ‘lynx’ par aphérèse, de *l* initial ayant été interprété comme l’article défini élidé. *Lonce*, à son tour, est très probablement un emprunt à l’italien *lonza*, “panthère”, formé, au temps des premières croisades, directement sur le grec *lynx*, prononcé *lúnx*, prononcé avec [u], par les marchands de l’Asie Mineure qui faisaient le commerce de fourrure et de fauves vivants. (...) Si cette étymologie (le lien entre *lynx* et *lonce*) est exacte, elle traduit simplement l’embarras des Occidentaux confrontés à l’animal inconnu qu’était la panthère. Devant la carence d’un terme approprié, ils se sont servis de *lynx* qui rendait assez bien certains aspects que présentait le félin tacheté qui leur était proposé à l’achat. (...) *lonze* a par la suite été employé comme hypernyme pour désigner tout félin à la robe tachetée, y compris les guépards et les léopards de chasse, et ce dans l’ensemble de l’Occident. (Trachsler, 2017, 142-163)⁵³.

Como se deduz, ainda e também para João de Barros, a sua «onça», que tão perigosamente colocou Clarimundo sob a iminência de uma quase tragédia, seria algum desses *félin à la robe tachetée*, cuja presença real e simbólica foi há muito constatada em civilizações antiquíssimas. No Egito, os leopardos eram mais raros e geralmente ligados a homens; mas na Anatólia e nas amplas regiões do Egeu, a relação das mulheres com esse animal era dominante, conforme sugere a placa de bronze encontrada no norte do Irã, com uma deusa nela esculpida, levando uma carruagem conduzida por dois leopardos, possível memória de algum rito religioso. Na Mesopotâmia, bem como no Egito, envolver-se em pele de leopardo conferia às pessoas, principalmente dignatários, vários tipos de proteção – contra o

⁵² A propósito da qual se lembra inclusive o saboroso poema de autor anônimo, do final do século XIII, o *Detto del Gatto lupesco*. Alvar (2020, 187-208).

⁵³ Devo, mais uma vez, à gentileza de Maria Ana Ramos, a quem agradeço, a informação sobre este estudo.

inimigo, as doenças, a morte. Na tumba de Tutancâmon foram encontradas duas peles dessa fera (curiosamente, uma delas era imitação) (Papa-vero, 2017). No belo poema sumério de *Gilgamesh*, considerado um dos textos mais antigos da literatura universal conhecida (c. século XX a.C.) e que chegou até nós em mau estado na maioria de suas versões, o herói lamenta a morte de seu amigo Enkidu, o homem primitivo, pranteado inclusive por animais: «Lloren por ti oso, hiena, leopardo, tigre, ciervo, chacal, león, búfalo, cabra, la manada y las bestias salvajes de la estepa!» (1992, 111). Em *A Ilíada*, Homero descreve a majestade de Alexandre marchando para o combate, à frente dos Troianos, «semelhante a um deus, com uma pele de leopardo sobre os ombros, um arco recurvo e uma espada...»; muitos cantos adiante, é a vez de Antenor, cheio de ira, esperar «por Aquiles; e o seu coração valente aspirava a guerrear e a combater. Tal como a pantera sai de uma mata profunda contra o caçador, sem de modo algum, em seu coração, se assustar ou pensar em fugir ao ouvir os latidos...» (s.a., III, 46 e XXI, 307, respectivamente). No Antigo Testamento, imagens fortes como as do *Apocalipse* incluem o terrível monstro que se levanta do mar, com dez chifres e sete cabeças: «A fera que eu vi era semelhante a uma pantera: os pés como de urso, e as fauces como as de leão» (Apoc 13, 2); se na promessa anunciada por Isaías para a renovação trazida pelo reino do Messias «o lobo será hóspede do cordeiro, / a pantera se deitará ao pé do cabrito, / o touro e o leão comerão juntos» (Is 11, 6), Jeremias, pelo contrário, prevê, em Judá, a implacável punição dos grandes e pequenos por seus crimes: «Eis porque o leão da floresta os ferirá / e o lobo da estepe os dizimará, / a pantera os espreitará em suas cidades, / e aquele que dela sair será despedaçado» (Jer 5, 6)⁵⁴.

É a Aristóteles que o Ocidente medieval deve a recolha e ordenação de uma grande parte dessa esplêndida e multívoca herança, com os descartes e acréscimos «cientificamente» tratados, conforme a marca que o sábio grego imprimiu a toda a sua produção. Na *Historia Natural*, Plínio (27-39 d.C.) e, na sua esteira, Solino (século III d.C.) curvaram-se a ele e

⁵⁴ E ainda: «Pode um etíope mudar a própria pele? / Ou um leopardo apagar as malhas de que se reveste? / E vós, como podereis praticar o bem, / se estais impregnados de maldade?» (13, 23).

repetiram-no em diversas passagens (2003, vol. 308)⁵⁵. Se nos impressiona a minúcia da descrição aristotélica dos animais aéreos e aquáticos vistos em suas partes e conformações anatômicas; se, ao se voltar para os terrestres – não poucas vezes considerados em paralelo com o homem –, itens como o *habitat* e o clima são indispensáveis para melhor entendê-los, é nas ideias sobre a «psicologia» dos animais (*Historia Animalium*, 1962)⁵⁶ que Aristóteles parece realmente «moderno» e onde se colhem informações que justificam e tornam verossímeis, segundo as diretrizes do tempo, comportamentos como, por exemplo, o do sedutor e esperto Renard medieval – de tão larga presença nas animações cinematográficas de hoje (*Le roman de Renart...*, 2005). Segundo o autor grego, a distinção entre machos e fêmeas depende umbilicalmente da região em que vivem, por causa da alimentação e da espécie de convívio que desenvolvem entre si: ferocidade mais ou menos acentuada (o leopardo); maior ou menor doçura (a pantera), características nada diferentes das dos humanos, cuja «agudeza de espírito» é bastante superior no homem relativamente à mulher⁵⁷. No quesito sexualidade, elas são imbatíveis, principalmente na primavera, quando os adores se desprendem como fragrâncias: o cheiro das panteras não só atrai o macho, como permite aos caçadores encontrá-las⁵⁸. Plutarco (40d.C.-120d.C.), em seu estimulante livro dialogado («Sobre la inteligência de los animales», 2002, 265-271), reafirma contundentemente Aristóteles: de alguma maneira, todos os animais participam da «inteligência e da racionalidade» humanas; todos manifestam reações de irritação, medo, inveja e ciúmes. Autobulo, um dos interlocutores e defensor deles, chega a

⁵⁵ Nesta coleção citada, importa aqui principalmente o Livro VIII, onde são tratados o leopardo e a pantera, a par dos leões – espécies cheias de «astúcia». A pantera, «abundante» na África (de onde era proibido transportá-la para a Itália em 170 a.C.) e na Síria, atrai pelo cheiro que exala e costuma «ocultar a cabeça», para não espantar os que se sentem tocados pela indiscutível beleza do resto (p. 145).

⁵⁶ Nesta edição, cf. principalmente Books VIII e IX.

⁵⁷ A propósito da misoginia aristotélica, cite-se a pitoresca informação: «Even in the case of *mollusc*, when the cuttle-fish is struck with the trident, the male stands by to help the female; but when the male is struck, the female runs away». Aristóteles (1962, Book IX, 608 b).

⁵⁸ Conforme diz uma estudiosa contemporânea: se a «vida dos sentidos» da humanidade acompanha o andamento de desejos e prazeres, isto vem da «lascívia e glotonaria» dos animais, principalmente das bestas. De Fontenay (1998, 77).

lembrar que «o amor e a descendência» são princípios reguladores não só da sociedade dos homens, pois é tal qual entre as bestas⁵⁹.

Como se sabe, a mediação entre os clássicos antigos e os Bestiários dos séculos XII-XIII teve o papel renovador de Isidoro de Sevilha. No capítulo «Sobre las bestias» das *Etimologias*, além da primazia que deu ao leão (a exemplo da Bíblia), ele descreve, quanto aos animais que nos interessam, o tigre, a pantera, o «pardo» e o leopardo, o lince, o lobo, o cão e o gato, que seus antecessores mais ou menos agruparam na mesma «família», embora com identidade geográfica e comportamental próprias. O velho tigre, que persas e medos, por isso mesmo, denominaram *saeta*, deve seu nome ao rio *Tigris*, o mais rápido dos rios; sobre a pantera, «moteada de pequenos lunares» na variedade negra e branca, amiga de todos os animais menos da serpente, há informações mais detalhadas: gosta de conviver com suas congêneres e, curiosamente, só tem um parto, pois o filhote, na urgência de nascer, dilacera-lhe o útero com as unhas, incapacitando-a para outros nascimentos; o «pardo», cujos saltos provocam a morte, é sedento de sangue e também tem cor variada; à «terceira classe» dos pardos parece pertencer o «leopardo», «produto híbrido», pois nasce do cruzamento ou do leão com uma parda ou do pardo com uma leoa; quanto ao «lince» – a cuja etimologia, como vimos, remonta *lonce/once* -, segundo Isidoro é da família dos lobos, embora tenha as costas cobertas de manchas, como as dos pardos, e a sua urina, solidificada, se torne pedra preciosa (*lyncurius* = turmalina), razão de o próprio animal cobri-la de terra, para protegê-la da cobiça dos homens (1993, 71-73).

Por essas descrições de gregos e latinos, anteriores e posteriores à era cristã, o tigre, o leopardo, a pantera e o lince poderiam perfeitamente dar corpo à malévola Farpinda de João de Barros... Nas miniaturas do Bestiário de Oxford (manuscrito de Ashmole 1511 da Biblioteca Bodleian), segundo apresentadas por I. Malaxecheverría (*Bestiário Medieval*, 1986), as manchas ou pintas na pele do tigre, do lince e da pantera não são necessariamente o que diferencia os três animais, mas sim a sua estrutura

⁵⁹ E ainda: à p. 304, Plutarco cita um exemplo de «bons sentimentos» das feras, retomado no século XVI por Michel de Montaigne (1533-1591): «A clemência dos animais é atestada por este caso que atribuem a um tigre, o mais inumano dos bichos. Haviam-lhe dado um cabrito; durante dois dias passou fome por não querer fazer-lhe mal; ao terceiro dia quebrou a jaula para buscar outra coisa, não desejando atacar o hóspede de quem se tornara familiar». *Essais* (s.d., XII, 334-418, especificamente 355).

física, embora só no lince esta diferenciação esteja mais indubitável⁶⁰. E na síntese dos vários bestiários percorridos em cada verbete, a pantera e o seu doce perfume permitem analogias imediatas com a Virgem Maria e o plano celestial, enquanto a ferocidade do tigre (possivelmente um leopardo?) e sua capacidade de ludibriar, de atacar traiçoeiramente, torna-o quase aposto do Diabo e de suas armadilhas para abocanhar almas incautas (*Bestiário Medieval*, 1986)⁶¹.

Embora constatando, portanto, o estreito parentesco zoológico entre esses felinos aos olhos dos homens da Idade Média – e mesmo até bem posteriormente –, no sonho de Briaina está uma *onça*, termo escolhido deliberadamente por João de Barros. Para tentar elucidar a opção e concluir o nosso périplo, sublinhemos dois aspectos. Em primeiro lugar, se a palavra portuguesa difunde-se, como vimos, a partir do século XVI, a francesa *once* está atestada desde o século XIII⁶² (lembrando também *unza* = catalão; *onza* = esp.; *lonza* = it.). Na passagem famosa de Dante (1265-1321), relativa às três feras postadas à entrada do Inferno, lá está ela:

Ed ecco, quasi al cominciar de l'erta,
una lonza leggera e presta molto,
che di pel macolato era coverta;
e non mi si partia dinanzi al volto,
anzi 'impediva tanto il mio cammino,
ch'ï fui per ritornar più volte volto. (Alighieri, 2010, *Inf.* I, 31-36)⁶³

⁶⁰ Convém reafirmar: «L'animal exotique est très rarement vu dans son milieu naturel au Moyen Âge; seuls les pèlerin set voyageurs en Terre sainte et en Orient ont l'occasion d'en rencontrer, mais ceux-ci ne s'aventurent guère dans les forêts et les montagnes dangereuses hors des axes de communication; la bête inconnue y est vue de loin, à peine mentionnée, et rarement décrite en détail» Buquet (2013).

⁶¹ No *Physiologus* (1979, verbete XXX, 42-45), tem-se um bom exemplo de como o texto toma cada uma das características da pantera e «lê» nela uma mensagem doutrinária bíblica: se a pantera se alimentou e está satisfeita, ela dorme e levanta-se ao terceiro dia, «como a ressurreição de nosso Salvador»; e o seu rugido é tão forte, assim como a fragrância que dele se desprende, que o som e o cheiro atingem os que estão perto ou distantes, como a presença e a palavra do Senhor. Quanto à diabolização das feras, cf. Cardini («O guerreiro e o cavaleiro», in Le Goff, 1989, 57-78).

⁶² Cf. Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales <<https://www.cnrtl.fr>> (cons. a 28/11/2023).

⁶³ Ainda em *Inf.* XVI, 106-108: «Io avea una corda intorno cinta,/e con essa pensai alcuna volta/prender la lonza a la pelle dipinta». Ledda (2013, 119-154).

Acredita-se que uma das portas de entrada literária desses animais na Península Ibérica tenha sido através do pequeno Bestiário que Brunetto Latini (1220-1294), muito próximo às lições isidorianas, inseriu no seu enciclopédico *Li Livres dou Tresor* (1975, 127-170), tratado traduzido ao castelhano, ao aragonês e ao catalão, com visível influência dos bestiários em prosa franceses, amorosos e moralizantes (Pascual, 2014, 115-140)⁶⁴. Nas *Partidas*, o rei Afonso X (1221-1284) reuniu, sob a denominação de «bestia brava de natura», «leon, o onça, o leopardo, o osso, o lobo cerual, o gineta, o serpiente», para recomendar: se alguém tiver algum destes em casa, deve guardá-lo e mantê-lo preso, «de manera que non faga daño a ninguno» (Partida 7, t. XV, lei XXIII) Na poesia amorosa dos trovadores occitanos, não raras vezes aparecem a pantera e a tigresa, lembradas em paralelo à beleza da Dama (Rigaut de Berbezilh): conforme generalizaram os bestiários, assim como a tigresa esquece os próprios infortúnios ao contemplar-se ao espelho, o mesmo ocorre com o trovador diante da amada (Brea, 1994, 403-431, especialmente 417)⁶⁵. No *Cancioneiro Geral* (1516), a variada compilação de poemas dos séculos XV e XVI feita por Garcia de Resende (1470-1536), Duarte de Brito, dentre outros poetas, cita a «onça» com que se depara o namorado em sua entristecida andança por montes e vales:

Vya muytos animaes,
sagytaios, escorpioões,
tygres feros, desyguaes,
gigantes, dragos mortaes,
onças feras, & lyoões. (1973, I, 357)⁶⁶

⁶⁴ A autora chama também a atenção: «El hecho de utilizar la simbología animal en clave amorosa era uno de los recursos más importantes de la poesía trovadoresca» (como por exemplo, a de Rigaut de Berbezilh). Ainda segundo a autora, nesses bestiários toscanos e catalães – principalmente os relacionados ao *Bestiário de Amor* - é significativa a presença do tigre e da pantera.

⁶⁵ Pereiro (1996, 176-177) examina a instigante e satírica utilização que D. Dinis faz do «dobo raviioso».

⁶⁶ Muito interessante, e quase ao modo da descrição profética composta por Fanimor, é o texto de Diogo Velho, «Da chãçelaria, da caça que se caça em Portugal, feita no ano de Crysto de mil quinhentos, XVI» – «ryca caça, muy rreal, / que nunca deue morrer», em que se enumeram: «Onças, liões, alifantes, / moonstos, & aues falantes, / porcelanas, diamantes, / he ja tudo muy jeral» sob o «virtuoso, exçelente & justioso dom Manuel», como o poeta faz questão de acrescentar. Resende (vol. V, pp. 177-184).

Nos livros de cavalarias portuguesas quinhentistas, posteriores à obra de Barros e a ela devedores, a «onça» continua sua trajetória: no *Palmeirim de Inglaterra*, descreve-se a pompa do armamento portado pelos cavaleiros que se preparam para enfrentar mais um temível gigante – «Estrelante tirou as suas [armas] de pardo, sem nenhuma louçainha; no escudo, em campo branco, uma onça tão grande que o ocupava todo» (Moraes, 2016, 38, 179); no *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, o Cavaleiro das Armas Cristalinas tem seu descanso perturbado: «... vio sayr do castelo hum monstruoso gigante armado de pelles de onças e liões...», inimigo que, vencido, é embalsamado e conduzido em embaixada ao rei, «por hum carretyro vestido de peles de Onça» (Vasconcelos, 1867, IX, 35-42). Isabel Almeida, detendo-se em uma das sequências do *Palmeirim*, analisa a figura novelesca do «rei tirano» por oposição ao «rei justo», aquele muito bem representado por Tigririno, pagão que «pratica o sacrifício de donzelas e não hesita, quando vê contrariados os seus planos, em desafiar os deuses “com palavras arrogantes”». Trata-se de um «monstruoso príncipe», fruto de «um desequilíbrio original sugerido como pecaminoso», cuja aparência física condiz com seu retrato moral: «da cintura para cima tinha forma humana, dela pera baixo saiu ao tigre em que sua mãe imaginava ao tempo em que del rei o concebia» (Almeida, 1998, 210-211)⁶⁷.

Em segundo lugar, e como vimos, se a curiosidade do europeu estava de há muito aguçada por esses «animais exóticos», testemunhas de longínquas e misteriosas terras asiáticas e africanas (Adroer e Tasis, 1988, 9-22), o período das Navegações trouxe para a ordem do dia os diários de bordo, os relatos de viagens e as cartas oficiais, dando minuciosas notícias do que ia pelos novos mundos, exacerbando o imaginário coletivo. Pouco importa se, antes, informações desse tipo já tivessem sido consideradas em grande parte fantasiosas, como por exemplo o *Le Livre des merveilles du monde* (1355), de Jean de Mandeville (2007, ed. brasileira)⁶⁸, perplexo com

⁶⁷ A personagem consta do Ciclo dos Palmeirins: *Terceira e Quarta Partes da Crônica de Palmeirim de Inglaterra, na qual se Tratam as Grandes Cavalarias de seu Filho o Príncipe D. Duardos Segundo*, escrita por Diogo Fernandes em 1587.

⁶⁸ Bem mais tarde, Fernão Mendes Pinto (1510-1583) – que de fato passou 21 anos na Índia – escreve o seu extraordinário *Peregrinação*, no mesmíssimo diapasão e movido por intuito de colaborar «na conversão do gentio» (1983). As descrições dos naufrágios de barcos portugueses na *História trágico-marítima*

a enorme quantidade de leões nas cortes orientais, obra por muitos considerada pastiche das viagens de Marco Polo (1254-1324), que noticiara, em capítulo assim intitulado, apontando as grandezas do Gran Kan da China: «De los leones, leopardos, onzas e águilas acostumbradas a cazar con los hombres» (*El Libro de Marco polo*, 1987, I, cap. 17, 83)⁶⁹, o qual personagem, também de fabuloso perfil, parece ecoar o do rei presbítero indiano suposto autor da *Carta do Preste João das Índias* (entre 1160-1190), em cujas terras nascem «panteras», «tigres», «leões brancos e ruivos» em grande abundância e a serviço do poderoso monarca (1998, 55)⁷⁰.

A verdade é que os navegantes ibéricos dos séculos XV e XVI, familiares a João de Barros, não estiveram menos impressionados com as pujantes paisagens – naturais e humanas – com que se deparavam: a «visão do Paraíso», nos termos de Sérgio Buarque de Holanda (1992; Lacarra, 1990), cataloga com propriedade quer a chegada do genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) ao Continente Americano em 1492, comandando a frota espanhola (Colombo, *Diários da Descoberta da América*, 1998), quer o desembarque de Pedro Álvares Cabral (1467-1520) na costa nordeste da América do Sul em 1500, a mando da coroa portuguesa. Se o próprio Colombo presta contas de suas viagens aos «cristianíssimos e mui augustos soberanos das Espanhas», no caso de Cabral a palavra descritiva esteve a cargo de Pero Vaz de Caminha (1450-1500), em sua célebre *Carta* (1999) a D. Manuel I: em ambos os casos, a ênfase é sobre a fauna aviária, principalmente os papagaios, em quantidade «inimaginável»⁷¹. Já para a grande

(publicada entre 1735-1736) revelam o terror dos navegantes e marinheiros de descer em terra firme, «por ser já perto da noite, e por causa dos tigres e leões» – conforme se conta da infeliz expedição de Manuel de Sousa em 1552 (1971, vol. 1, 16).

⁶⁹ A propósito dos nobres e seus felinos treinados para a caça – hábito dos mais cultivados ao longo do século XVI – vale lembrar o belo quadro pintado por Hans Mielich em 1557, retratando o Conde zu Haag, Ladislau von Fraunberg ao lado de sua «onça» de estimação. Pertence à coleção do Príncipe von und zu Liechtenstein, Vaduz-Viena, Inv. n° GE 1065.

⁷⁰ Na nota n° 9, o editor oferece uma interessante listagem de vários autores, referente à «progressiva popularização da figura do Preste João e a sua inserção nos catálogos de *mirabilia*».

⁷¹ No mesmo diapasão e a respeito das «onças» propriamente ditas, documento deveras interessante é a carta («sobre as coisas naturais de S. Vicente») do «Irmão José de Anchieta ao General P. Diogo Laínes, Roma», datada de 31 de maio de 1560, onde não só o jesuíta relata vários e cruentos exemplos da ferocidade desses animais, como informa: «Também há aqui onças, que são de duas variedades: umas cor de veado [= sussuarana ou onça parda], mais pequenas e mais cruéis; outras malhadas e pintadas [=

viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães (1480-1521), que içou âncoras no porto de Sevilha em 1519, foi nomeado cronista um dos poucos sobreviventes daquela aventura, Antonio Pigafetta, que, ao passar pela «Terra do Verzino» (= pau-brasil), não deixa de falar dos «porcos, que nos pareceram ter o umbigo nas costas», e de uns «pássaros grandes, cujo bico parece uma colher» e que «carecem de língua» (*Relazione del primo viaggio...*, 2019, 71-73). Aos poucos, os disparates fantasistas vão diminuindo de intensidade, na proporção dos avanços das incursões marítimas: «Na era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lixboa, debaixo da capitania de Martim Afonso de Sousa, meo irmão, que ia por capitam de hua armada e governador da terra do Brasil...». Quem assim noticia é Pero Lopes de Sousa – «verdadeiro capitão da Renascença» - em seu *Diário*: «A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d’agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente.» (1964, 13 e 43, respectivamente). No rico capítulo que Gabriel Soares de Sousa (1540-1591) dedicou às «onças» («Em que se trata de uma alimária que se chama jaguretê»), ele já fala como os «modernos» – inclusive com a similar imprecisão referencial: «Têm para si os portugueses que jaguretê é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis meses; falo dos machos, porque as fêmeas são maiores. A maior parte destas alimárias são ruivas, cheias de pintas pretas...» (*Tratado Descritivo...*, 1971, 95, 244-245)⁷². No capítulo 127 da mesma obra, Sousa atesta com convicção («não há dúvida») a existência da lendária *upupiara* (ou *ipupiara*) que habita as águas dos rios, um dos mais antigos mitos brasileiros, monstro marinho cuja imagem fora apresentada por Gândavo, em 1576, como tendo corpo de peixe, cara e garras de tigre feroz e devorador de homens (*A primeira história...*, 2004, 9, 126-132; Taunay, 1999; Cascudo, 2000).

Mas a riqueza da mitologia latino-americana – direta ou indiretamente ligada aos felídeos - é muito mais antiga, se levarmos em conta as

jaguar ou onça pintada] de diversas cores, que são as mais frequentes em toda a parte, e estas, ao menos os machos, são maiores que os maiores carneiros, porque as fêmeas, em tudo semelhantes aos gatos, servem para comer, como por vezes experimentamos». *Minhas Cartas* (1984, 37-38).

⁷² Esta descrição acompanha exatamente a de Pero de Magalhães Gândavo, p. 96, citado na sequência.

regiões geográficas e culturais (meso-América, Andes, Bacia do Amazonas) por onde se espalharam as desenvolvidas civilizações astecas, maias, incas e, ocultas nas florestas, numerosa variedade de tribos adoradoras de divindades ligadas à terra, da qual dependia sua sobrevivência⁷³. No Peru, no sítio arqueológico de Chavin de Huantar, está um monólito de granito (que se acreditava marcar o centro do mundo), decorado com a cabeça de uma misteriosa criatura felina: com grandes narinas, presas e garras, era a principal divindade do povo chavin. O Deus asteca Tezcatlipoca aparecia muitas vezes metamorfoseado em jaguar, fazendo-se reconhecer por seu rugido e tendo por finalidade «deitar o sol no chão». Nas ruínas maias de Tikal, no norte da Guatemala, ainda existe o Templo do Jaguar Sagrado, e no *Popol Vuh* (o *Livro dos Maias*), vários mitos da criação são contados através de pumas e jaguares, além de outros animais menores (*Mitologia latino-americana*, 1995). Curiosamente, constam do Brasão de Armas da Guiana, de recente aprovação (1966), dois jaguares, de pé nas patas traseiras e de perfil: o da esquerda porta um machado (simbolizando o corte da cana para produção do açúcar, riqueza da região) e o da direita um caule do arroz (signo das indústrias deste cereal). Essa imagem, representando a estreita participação dos animais na vida natural, econômica e cultural dos seres humanos, parece remeter àqueles tempos em que os bichos estavam miticamente integrados à «alma» da Natureza e como tal eram compreendidos (Zucker, 41-44). Em meio a eles, entrelaçando realidade e *mirabilia*, nasceu e fez-se homem Clarimundo.

Hipótese de conclusão

A «história fingida» de João de Barros, contrariando o «tópico da modéstia»⁷⁴ com que ele próprio a classificou (escrita «para treinar a pena») e de que recheou os dois Prólogos à obra, está solidamente enraizada na história de seu tempo e no que ela se serviu do passado próximo e remoto,

⁷³ Para maiores informações, da perspectiva dos povos colonizados pelos espanhóis a partir de 1519, quando Hernán Cortés chega a Tenochtitlan (Cidade do México) e conquista definitivamente a cidade em 1521, cf. León-Portilla (1984).

⁷⁴ Denominada «modéstia afetada» em Curtius (1957, V, 86).

indo muito além do «realismo» adstrito à profecia de Fanimor. O que não surpreende, tendo sido Barros educado pelo protótipo «de um cortesão ideal» (Panegassi, 2017, 279), conforme se descreve, no primeiro dos Prólogos, a erudição de seus estudos. Os três livros desta *Prymera parte da Cronica...*, de irrepreensível coerência e sem trair os padrões que desde os primórdios marcaram o gênero épico (Hegel, 1964, VII, 276), jamais perdem de vista o sagrado destino do protagonista, lembrado a cada epifonema e ilustrado por suas vitoriosas «provações».

No rol de empecilhos, o sonho da rainha Briaina e seus desdobramentos podem ser considerados uma das estratégias mais bem conseguidas de João de Barros, por duas razões: 1) do ponto de vista diegético, conforme se viu, aqueles fatos solucionados quase ao final do Livro III, próximos ao desfecho, mostram um personagem agora completo, amadurecido, pronto a vencer qualquer inimigo (visível e invisível), praticamente impermeabilizado contra o Mal interno ou externo, à altura da Dinastia que ele inaugurará; 2) do ponto de vista simbólico, a colocação da «onça» (pantera/leopardo/tigre/jaguar/lince) em campo atendeu a duplo desígnio: à coragem no enfrentamento de «uma onça», cuja ferocidade verga até os mais fortes; e à vitória contra a sedução e a sexualidade, controlada por uma feiticeira a mando do Diabo maliciosamente atento à paralela sensualidade dos felinos⁷⁵.

Afinal, já nos perguntamos, que «onça» terá visto João de Barros? Ousemos uma hipótese, sem perder de vista que a obra, publicada em Portugal em 1522, envolve imaginários, sensibilidades e geografias bem mais amplos e anteriores (Franco Júnior, 2010, 49-93). Nas *Décadas*, Barros relata as interlocuções entre Afonso de Albuquerque (1453-1515) e o Rei de Ormuz (antiga cidade à entrada do atual Golfo Pérsico), por volta de 1507/1508, com trocas de cartas entre o Almirante e D. Manuel I, onde se dá notícia de um certo «caçador de onças» Nicoláo Ferreira, com cujas feras foi agraciado o referido Rei, assistido por «seus governadores e emires», além de «nobres do Reino». Perante eles se apresentou, em embaixada, «D. Garcia de Noronha, como pessoa principal, e muitos fidalgos»,

⁷⁵ Em pleno século XX, o grande escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967), em um de seus primorosos contos, também «reinventa» a linguagem capciosa das «onças»: «Meu tio o iauaretê», in Rosa (1994, vol. II, 825).

trazendo «o embaixador o presente ante si nesta ordem: vinham dois homens a cavalo, e cada um deles trazia uma onça, os quaes sabiam caçar montaria com elas...» (Barros, 1946, vol. IV, 131-132). Muito mais faustosa do que esta foi a extravagante embaixada de Tristão da Cunha, em 1514, tendo como seu secretário Garcia de Resende, com destino a Roma, levando de presente ao papa Leão X uma série de «amostras» das fabulosas riquezas conquistadas pelos portugueses na Índia, já sob o governo de Afonso de Albuquerque. Na entusiasmada carta que o doutor João de Faria, membro da comitiva, enviou a D. Manuel – com descrições que nada ficam a dever ao reino do Preste João ou às grandiosas comemorações que abundaram nos livros de cavalarias do tempo (Perdomo, in Mongelli, 2012, 365) -, «o alifante com todo seu atabio» roubou a cena, como «ua cousa tam sinalada e tam espantosa», não só por fazer Roma curvar-se «ante o triunfo de Vossa Alteza», mas inclusive pelo insólito, pois «nom se acha escritura per todos estes estreadores que nunca alifante da Índia viesse em Roma, bem que d’Africa e doutras partes no tempo dos emperadores vieram». E para aumentar o espanto geral, «depois ia a onsa, isso mesmo atabiada, e as trombetas do Papa e da embaixada e charamelas do Papa e do Embaixador, que cá pareceram muito bem», porque «muito honraram e estadearam tam grande festa» (*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, 1998, V, 407-410, em Apêndice).

Portanto, essa «onça» refere o animal vindo de partes da Índia ou até da África (leopardo, pantera, tigre, lince, guepardo...), por onde andavam azafamados os portugueses; trata-se, etimologicamente, do *l’once* > *once* derivado do *lynx*, cujo *habitat*, vimo-lo, transita da África para a Ásia, através do Oriente Médio, disseminando-se em antiquíssimas e constantes migrações. No entanto, vivendo ao pé de D. Manuel e de D. João III, não seria de todo improvável se o estudioso Barros tivesse na imaginação também o jaguar americano, o *iuaretê*, ao menos por ouvir notícias dele... Afinal, anos mais tarde, quando D. João III, em 1534, resolveu dividir a colônia do Brasil em capitâneas hereditárias para melhor administrá-la, coube a Barros, em parceria com Aires da Cunha, as capitâneas do Rio Grande e do Maranhão, no norte; em 1535 partiu a primeira expedição, na qual iam dois filhos de Barros sob o comando de Cunha, para explorar aquelas terras inóspitas e desconhecidas; após três anos sem sucesso, regressaram a

Portugal, com várias naus perdidas. Por volta de 1550, o persistente historiador tentou, ainda uma vez, cuidar de sua capitania e de novo enviou seus dois filhos, mas voltaram frustrados ao ponto de partida, porque encontraram resistência feroz de potiguares e de franceses palmilhando a costa (Malheiro Dias, 1924, III, 252-257). Como essas excursões eram longamente preparadas (assim ensinaram os fenícios e outros navegantes de eras remotas⁷⁶) e com muita antecedência; como Barros contou sempre com o beneplácito de D. Manuel e de D. João III já em 1521, data da subida do jovem monarca ao trono, além da paulatina ocupação de cargos de grande responsabilidade na Casa da Índia; e como já ajuntava anotações para escrever, futuramente, sobre «as coisas de Santa Cruz», alguma «onça» d'além Atlântico não poderá então ter cruzado seus horizontes de ficcionista e historiador em potencial⁷⁷?

Independente da identificação específica do extraordinário felino travestido de Farpinda e derrotado pelo futuro Imperador Clarimundo, nada impediria o seu vencedor de ostentar com orgulho - como no passado e ainda nos dias de hoje - uma pele de onça sobre os ombros, tal qual fez um Kikuyu, feiticeiro de certa tribo no Kenya, ornamento reservado apenas aos guerreiros e aos poderosos ombreados à inteligência, à força e ao poder de qualquer animal da linhagem *Panthera*.

⁷⁶ Para introdução ao tema e tendo em vista a importante Bibliografia ali sugerida, consulte-se Henri Bresc, verbete «Mar», in Le Goff e Schmitt (2002, vol. II, 95-104).

⁷⁷ Acerca desta possibilidade e reafirmando o que eu disse anteriormente, à página 27, sobre «imaginários» e «sensibilidades coletivas», alinho-me inteiramente ao que afirmou o historiador brasileiro Hilário Franco Júnior, em seu mais recente livro, a propósito da palavra *utopia* (conforme cunhada por Tomás More no século XVI) e das dúvidas que o uso dela levanta entre historiadores: «Privilegiar o rótulo sobre o conteúdo não afeta apenas grandes temas historiográficos, representa um empobrecimento epistemológico considerável. Tal procedimento implicaria dizer, a título de ilustração, que um sentimento ou uma doença não tinham existência ao momento em que se tomou conhecimento deles, apesar de antes de nomeados não terem deixado de ser sentidos, vividos, manifestados. Por isso mesmo, ninguém recusa aplicar “nostalgia” ao lamento pela falta da terra natal feito por Ulisses, Valtério ou Rolando, ainda que a palavra seja criação de um médico alsaciano em 1688». (2021, 44)



Fig. 4 – A Kikuyu witch doctor, in Kenya, conveys his exalted status by wearing a cheetah skin⁷⁸.

⁷⁸ *Wild Cats of the World*, photographs and drawings Art Wolfe; text Barbara Sleeper, New York, Crown Publishers, 1995, p. 174. (All rights reserved).

Bibliografia citada

- A Carta de Pero Vaz de Caminha*, reprodução fac-similar do manuscrito, com leitura justalinear de Antonio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale, São Paulo, Humanitas, 1999.
- Adroer e Tasis, Anna M., «Animals exóticos als palaus reials de Barcelona», *Medievalia*, t. 8 (1988), pp. 9-22.
- Afonso X, *Las Siete Partidas del Sabio Rey Don Alfonso el nono, nueuamente glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez del Consejo Real de Indias de su Magestad*, Impresso en Salamanca por Andrea de Portonaris, 1555, d. Boletín Oficial del Estado, 1985, 3 vols.
- Almeida, Isabel Adelaide P. D., *Livros Portugueses de Cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998 [Tese de Doutoramento].
- Alvar, Carlos, «Metamorfosis artúricas: el Gato Paul», *Historias Fingidas*, 8 (2020), pp. 187-208.
- Andrade Franco, José Luiz *et al.*, «History of Science and Conservation of the Jaguar (*Panthera Onca*) in Brazil», HALAC - *Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña*, v.8, n.2 (2018), pp. 42-72. <http://halacsolcha.org/index.php/halac>
- Andreas Capellanus, *De amore*, ed. bilíngue, trad. Inés Creixell Vidal-Quadrás, Barcelona, Festin de Esopo, 1985. [Capelão, André, *Tratado do Amor Cortês*, trad. brasileira Ivone Castilho Benedetti, São Paulo, Martins Fontes, 2000].
- Antonio Pigafetta, *Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo* [*A primeira viagem ao redor do mundo*. O diário da expedição de Fernão de Magalhães, int. e notas Carlos Amoretti, trad. Jurandir Soares dos Santos, Porto Alegre, L&PM, 2019].
- Aristóteles, *Historia Animalium* in *The Works of Aristotle*, trad. ingl. A. Smith M.A., Oxford, Clarendon Press, 1962, vol. IV by D'Arcy Wentworth Thompson. [*História dos Animais*, ed. brasileira, trad. Maria de Fátima Sousa e Silva, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2014].

- Baroja, Julio Caro, *As bruxas e o seu mundo*, Lisboa, Editorial Veja, 1978.
- Battisti, Carlo; Alessio, Giovanni, *Dizionario Etimológico Italiano*, Firenze, Barbera Editore, 1954, vol. IV.
- Bestiário Medieval*, ed. Ignacio Malaxecheverría, Madrid, Siruela, 1986.
- Bethencourt, Francisco, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália, séculos XV-XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- , *O imaginário da Magia. Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- Bluteau, Raphael, *Vocabulário Português e Latino*, Germany, Georg & LMS Verlag, 2002, tomando por base a edição lisboeta de 1720, na oficina de Pascoal da Sylva.
- Bologne, Jean Claude, *Da chama à fogueira. Magia e Superstição na Idade Média*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1998.
- Brandão, Junito, *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*, Petrópolis RJ, Vozes, Ednub, 1993.
- Brea, Mercedes, «Les animaux dans les poésies amoureuses des troubadours occitans», *Revue des Langues Romanes*, (1994), pp. 403-431. (Academia.edu/39748225).
- Brunetto Latini, *Li Livres dou Tresor*, ed. Francis J. Carmody, Genève, Slatkine Reprints, 1975.
- Buquet, Thierry, «Le guépard médiéval, ou comment reconnaître un animal sans nom», *Reinardus*, 23 (2011), pp. 12-47. (Academia.edu/1177913).
- , «Les animaux exotiques dans les ménageries médiévales. Jacques Toussaint. Fabuleuses histoires des bêtes et des hommes», *Trema - Société archéologique de Namur*, pp.97-121, 2013 <<https://shs.hal.science/halshs-00905429v1>> (cons. 21/12/2024).
- Campbell, Joseph, *O Herói de Mil Faces*, São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1995.
- Camus, Jules, «La Lonza de Dante et les léopards de Petrarque, de l'Arioste, etc.», *Giornale storico della letteratura italiana*, 53 (1909), pp. 1-40.
- Cardini, Franco, «O guerreiro e o cavaleiro», in Jacques Le Goff, *O Homem Medieval*, Lisboa, Presença, 1989, pp. 57-80.

- Carta do Preste João das Índias* - Versões medievais e latinas, pref. e notas Manuel João Ramos; trad. Leonor Buescu; seleção iconográfica Manuel João Ramos e Alexandra Campos, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- Cascudo, Luís da Câmara, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, rev., atual. e ilustr., São Paulo, Global, 2000.
- Chantraine, Pierre, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*, t. I, Paris, Ed. Klincksieck, 1968.
- Chrétien de Troyes, *Perceval o el cuento del Grial*, trad. Martín de Riquer, Madrid, Espasa-Calpe, 1961.
- Cícero, *Da República*, trad. e notas Amador Cisneiros, São Paulo, Edipro, 2021.
- Conde, Justina Ruiz de, *El amor y el matrimonio secreto en los libros de caballerías*, Madrid, Aguilar, 1948.
- Cristovão Colombo, *Diários da Descoberta da América. As Quatro Viagens e o Testamento*, trad. Milton Persson; int. Marcos Faerman; notas Eduardo Bueno, Porto Alegre, L&PM, 1998.
- Cunha, Antônio Geraldo da *et al.*, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- Curtius, Ernst Robert, *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, Rio de Janeiro, MEC – Instituto Nacional do Livro, 1957.
- D. João I, *Livro da Montaria* conforme o manuscrito nº 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa, ed. Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.
- Dante Alighieri, *Divina Comédia*, ed. bilíngue, trad. e notas João Trentino Ziller, notas de leitura João Adolfo Hansen, Cotia SP, Ateliê Editorial, Campinas SP, Editora da Unicamp, 2010.
- De Fontenay, Elisabeth, *Le silence des bêtes. La Philosophie à l'épreuve de l'animalité*, Paris, Fayard, 1998.
- Delumeau, Jean, *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- Dias, João José Alves (coord.), *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, vol. 5, in *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998.

- Diccionario de la Lengua Española*, Madrid, Real Academia Espanhola, Año de la Vitoria, s.a..
- Du Cange, Charles, *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Bologna, Forni Editore, 1982 [1885].
- Duby, Georges, *Eva e os Padres. Damas do século XII*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- El jaguar en el nuevo milênio*, eds. R. A. Medellín, *et al.*, México, Fondo de Cultura Económica, 2002.
- Eisenberg, Daniel; Marín Pina, Maria Carmen, *Bibliografía de los Libros de Caballerías Castellanos*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2000.
- Eizirik, Eduardo *et al.*, «The late Miocene radiation of modern felidae: a genetic assessment», *Science*, vol. 311 (2006), pp. 73-77.
- , «Defining and mapping mammalian coat pattern genes: multiple genomic regions implicated in domestic cat stripes and spots», *Genetics* Jan, 184 (1) (2010), pp. 267–275.
- , «The effect of habitat fragmentation on the genetic structure of a top predator: loss of diversity and high differentiation among remnant populations of Atlantic Forest jaguars (*Panthera onca*)», *Mol. Ecol.* Nov, 19 (22) (2010), pp. 4906-4921.
- El libro de Marco Polo anotado por Cristobal Colon. El libro de Marco Polo versión de Rodrigo de Santaella*, ed., int. y notas Juan Gil, Madrid, Alianza Editorial, 1987.
- Enciclopedia Dantesca*, ed. geral Umberto Bosco, Roma, Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1970-1975, 6 vols.
- Ernout, A; Meillet, A., *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, Paris, Klincksieck, 1985.
- Esopo, *Fábulas Completas*, trad. Maria Celeste C. Dezotti; apresentação Adriane Duarte, São Paulo, Cosac Naify, 2013.
- Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, transc. Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, *Século XXI. O Dicionário da Língua Portuguesa*, coords. e eds. Margarida dos Anjos; Marina Baird Ferreira, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

- Figueiredo, Fidelino de, *A épica portuguesa no século XVI*, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, n° 6, 1950.
- Francisco de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*, eds. Lênia Márcia Mongelli, Raúl Cesar Gouveia Fernandes, Fernando Maués, Cotia SP, Ateliê, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2016.
- Franco Júnior, Hilário, «O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e imaginário», in *Os três dedos de Adão. Ensaaios de mitologia medieval*, São Paulo, Edusp, 2010, pp. 49-93.
- , *Em busca do Paraíso perdido: as utopias medievais*, Cotia, SP, Ateliê Editorial; Editora Mnêma, 2021.
- Gabriel Soares de Sousa, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, acrescentada de alguns comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen, São Paulo, Companhia Editora Nacional / Editora da Universidade e São Paulo, 1971 (Brasiliana, v. 117).
- Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, int. e notas André Crabbé Rocha, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, 5 vols.
- Gomes de Brito, Bernardo, ed., *Historia Tragico-Maritima. Em que se oferecem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegaçaõ da India*, Lisboa, Edições Afrodite, 1971, 2 vols.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, *Estética – Poesia*, trad. Álvaro Ribeiro, Lisboa, Guimarães Editora, vol. VII, 1964.
- Heinrich Kramer, James Sprenger, *Malleus Maleficarum. O Martelo das Feiticeiras*, trad. Paulo Fróes, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991.
- História das Mulheres*, ed. Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Afrontamento, São Paulo, Ebradil, 1990.
- Holanda, Sergio Buarque de, *Visão do Paraíso*, São Paulo, Brasiliense, 1992.
- Homero, *A Ilíada*, trad. e nota int. Cascais Franco, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.
- , *Odisséia*, trad. Antônio Pinto de Carvalho, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1960.
- Hugonis de S. Victore, «De Bestiis et Aliis Rebus», *Libri Quator Patrologiae Latina*, ed. J. P. Migne, Bélgica, Brepols, 1993 [Ed. originale Paris, 1854], t. CLXXVII.

- I Fioretti di San Francesco* – 21/«Do lobo conduzido pelo Bem-aventurado Francisco à grande mansidão (*Fi* 21)», in *Fontes Franciscanas*, ed. comemorativa do Oitavo Centenário da Conversão de São Francisco, Coord. geral Dorvalino Francisco Fassini, ed. João Mamede Filho, Santo André, SP, Editora O Mensageiro de Santo Antônio, 2004, pp. 960-969. < http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=2886&parent_id=2864 >.
- Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, texto preparado por Wallace M. Lindsay, trad. espanhola José Oroz Reta & Manuel Marcos Casquero, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1993, 2 vols.
- Jacopo de Varazze, *Legenda Aurea: vidas de santos*, trad. Hilário Franco Júnior, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- Jean de Mandeville, *Viagens de Jean de Mandeville*, trad., int. e notas Susani Silveira Lemos França, Bauru SP, Edusc, 2007.
- João de Barros, *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem / [tyrada de lynguoage Ungara em a nossa Portuguesa per Joam de Barros]. Se empremio nesta çydade de Lyxboa per German Guarlharde*, 1522.
- , *Crónica do Imperador Clarimundo*, pref. e notas Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, 1953, 3 vols.
- , *Década primeira da Ásia de João de Barros dos feitos que os portugueses fezerão no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Impresso em Lisboa por Jorge Rodriguez, 1628.
- John of Salisbury, *Policraticus*, ed. Miguel Angel Madero, Madrid, Editora Nacional, 1984.
- Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Lisboa, Panorama, 1867.
- José de Anchieta, *Minhas Cartas*, extraídas do livro *Cartas, Correspondência Ativa e Passiva*, ed. Padre Hélio Abranches Viotti, S.J. , São Paulo, Loyola, 1984.
- , *Décadas*, sel., pref. e notas António Baião, Lisboa, Sá da Costa, 1946, 4 vols.
- Kitchener, Andrew, *The Natural History of the Wild Cats*, A Comstock book published by Cornell University Press, 1991.

- Klapisch-Zuber, Christiane, dir. *A Idade Média*, in *História das Mulheres*, ed. Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Afrontamento, São Paulo, Ebradil, 1990, vol. 2.
- Lacarra, M^a Jesús; Blecua, J. Manuel Cacho, *Lo Imaginario en la Conquista de América*, Zaragoza, Edición Oroel, 1990.
- Le Goff, Jacques, «Os sonhos na cultura e na psicologia coletiva do ocidente medieval», in Id., *Para um novo conceito de Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa, 1980, pp. 281-288.
- , *A Civilização do Ocidente Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, 2 vols.
- , *O Homem Medieval*, Lisboa, Presença, 1989.
- , «Os Sonhos», en Id., *O imaginário medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 283-334.
- , *São Francisco de Assis*, Rio de Janeiro, Record, 2001.
- , Schmitt, Jean-Claude, *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, coord. trad. Hilário Franco Júnior, Bauru SP, EDUSC, São Paulo, SP, Imprensa Oficial do Estado, 2002, 2 vols.
- Le Roman de Renart*, version Paulin Paris, préf. Béatrix Beck, Gallimard, 2005.
- Ledda, Giuseppe, «Un bestiario metaletterario nell'*Inferno* dantesco», *Studi Danteschi* LXXVIII (2013), pp. 119-154.
- León-Portilla, Miguel, *A conquista da América latina vista pelos índios. Relatos astecas, maias e incas*, trad. Augusto Ângelo Zanatta, Petrópolis, Vozes, 1984.
- Livro das Aves*, ed. Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa, Colibri, 1999.
- Machado, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Confluência, 1956.
- Malheiro Dias, C., «O Regímen Feudal das Donatárias: anteriormente à instituição do Governo Geral (1534 - 1549): As Capitánias Setentrionais», in ID., *A Idade Média Brasileira: A Colonização*, Col. História da Colonização Portuguesa do Brasil, vol. III, Porto, Litografia Nacional, 1924, pp. 252-257.
- Michel de Montaigne, *Essais. Montaigne. O Homem e a Obra*, trad., pref. y notas Sérgio Millet, Rio de Janeiro, TecnoPrint, s.a.

- Mitologia latino-americana. Astecas, Maias, Incas e Amazônia*, comp. Geraldine Carter, introd. Rachel Storm, Lisboa, Editorial Estampa / Círculo de Leitores, 1995.
- Mittman, Asa e Kim, Susan, «Ungefraegelicu deor: monsters and truth in the *Wonders of the East*, different visions», *A Journal of New Perspectives on Medieval Art*, vol. 2 (2009). < <https://www.academia.edu/2135905/> > (cons. 21/12/2024).
- Mongelli, Lênia Márcia de M., *Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur*, Coitia-SP, Íbis, 1995.
- Oliva, Héctor Santiesteban, *Tratado de Monstruos. Ontología Teratológica*, México, Plaza y Valdés, 2003.
- Oliveira Marques, A. H. de, *A sociedade medieval portuguesa. Aspectos de vida quotidiana*, Lisboa, Sá da Costa, 1974.
- Ovídio, *As Metamorfoses*, trad. David Jardim Júnior, Rio de Janeiro, Tecno-print, 1983.
- Paixão, Rosário Santana, *Aventura e Identidade. História fingida das origens e fundação de Portugal. “Crônica do Imperador Clarimundo”*, um livro de cavalarias do quinhentismo peninsular, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1996 [Tese de Doutoramento].
- Panegassi, Rubens Leonardo, *O Pasto dos Brutos: contexto de João de Barros, horizonte histórico e política nas Décadas da Ásia*, Belo Horizonte, MG, Fino Traço, 2017.
- Papavero, Nelson, «Considerações sobre os felinos do Velho Mundo tratados como ‘onças’: notas históricas e etimológicas», coord. da série monográfica Mário Eduardo Viaro, São Paulo, NEHiLP/FFLCH/USP, 2017. (Arquivos do NEHiLP, vol.14, texto online): <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/188/171/808-1>> (cons. 21/12/2024).
- Pascual, Llúcia Martín, «La Tradición de los Bestiarios Franceses y su influencia en la Península Iberica», *Estudios Humanísticos. Filología* 36 (2014), pp. 115-140.
- Patch, Howard Rollin, *El otro mundo en la literatura medieval*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956.

- Pearson, Richard G; Dawson, Terence P., «Predicting the impacts of climate change on the distribution of species: are bioclimate envelope models useful?», 2003. DOI: <<https://doi.org/10.1046/j.1466-822X.2003.00042.x>>.
- Pedro de la Sierra, *Espejo de príncipes y caballeros (segunda parte)*, ed. e intr. José Julio Martín Romero, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2003.
- Perdomo, María del Rosário Aguilar, «Jardim, festa e literatura cavaleiresca», in *E fizeram taes maravilhas... Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*, org. Lênia Márcia Mongelli, Cotia SP, Ateliê Editorial, 2012, p.365.
- Pereiro, Carlos Paulo Martínez, *Natura das animalhas. Bestiário medieval da lírica profana galego-portuguesa*, Vigo, Edicións A Nosa Terra, 1996.
- Pero de Magalhães de Gândavo, *A Primeira História do Brasil. História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, texto modernizado e notas Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- Pero Lopes de Sousa, *Diário de Navegação*, Cadernos de História, Brasil Bandechi (dir.), int. J. P. Leite Cordeiro; notas Com^{te} Eugênio de Castro, São Paulo, Obelisco, 1964.
- Physiologos. Le bestiaire des bestiaires*, texte traduit du grec, établi et commenté par Arnaud Zucker, Grenoble, Jérôme Million, 2005.
- Physiologus*, transl. Michael J. Curley, Austin & London, University of Texas Press, 1979.
- Plínio el Viejo, *Historia Natural*, Libros VII-XI, trad. y notas E. del Barrio Sanz, I. García Arribas, A. M^a Moure Casas, L. A. Hernández Miguel, M^a L. Arribas Hernáez, Madrid, Gredos, 2003, (vol. 308 da Biblioteca Clásica Gredos)
- Plutarco, *Obras Morales y de Costumbres*, int., trad. y notas Vicente Ramón Palerm y Jorge Bergua Caverro, Madrid, Gredos, 2002. «Moralia», Biblioteca Clásica, vol. IX).
- Poema de Gilgamesh*, est. preliminar, trad. y notas Federico Lara Peinado, Madrid, Tecnos, 1992.
- Reis, Flávio Antônio Fernandes, «O Clarimundo: uma “pintura methafórica” composta por João de Barros», *Eutomia – Revista de Literatura e Linguística*, Recife, 12 (1), (jul/dez 2013), pp. 220-237.

- Rosa, João Guimarães, *Ficção Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, vol. II, p. 825.
- Rougemont, Denis, *A História do Amor no Ocidente*, São Paulo, Ediouro, 2003.
- Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, trad. Oscar Paes Lemes, São Paulo/Petrópolis, Vozes, co-edição com Federação Agostiniana Brasileira, 1990, 2 vols.
- Saraiva, José Hermano, *História de Portugal*, Lisboa, Alfa, 1993.
- Schmitt, Jean-Claude, *História das Superstições*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1997.
- Schmitt, Jean-Claude, «Le sujet et ses rêves», in *Les corps, les rites, les rêves, le temps. Essais d'anthropologie médiévale*, Paris, Gallimard, 2001, pp. 241-315.
- Schneider, A. *et al*, «How the Leopard hides its Spots: *ASIP* mutations and melanism in wild cats», *PLoS ONE* 7(12) (2012): e50386. <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0050386>> (cons. 21/12/2024).
- Systema Naturae* = Caroli Linnaei, *Systema Naturae*. Per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis, ed. décima reformata, Holmiae, Impensis direct Laurentii Salvii, 1759, 2 t., <<https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/542>> (cons. 21/12/2024).
- Taunay, Afonso de Escragnoles, *Zoologia fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*, apes. Odilon Nogueira de Matos, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo / Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999.
- Trachsler, Richard, «Du lynx à l'once. Animaux réels et créatures symboliques», *Reinardus*, 29, pp.142-163, in «The Zurich Open Repository and Archive», University of Zurich, <<https://doi.org/10.5167/uzh-170209>> (cons. 21/12/2024).
- Van Woensel, Maurice, *Simbolismo animal medieval. Os Bestiários*, João Pessoa, Editora Universitária, 2001.
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio, *Os Livros de Cavalarias Portugueses dos séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Pearlbooks, 2012.

- , dir., *O Universo de Almourol. Base de Dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII*, 2017 <<https://parnaseo.uv.es/UniversoDeAlmourol/>> (cons. 21/12/2024).
- Vergílio, *Eneida*, trad. Tassilo Orpheu Spalding, São Paulo, Cultrix, 1981.
- Wild Cats of the World*, photographs and drawings Art Wolfe; text Barbara Sleeper, N.Y., Crown Publishers, 1995.